



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES-DLA
CURSO DE LETRAS: HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**A PRÁTICA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO:
UM ESTUDO À LUZ DO CONTEXTO INTERACIONISTA DA
LINGUAGEM**

DAMIÃO SEVERINO DE SOUZA

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

DAMIÃO SEVERINO DE SOUZA

A PRÁTICA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO:
UM ESTUDO À LUZ DO CONTEXTO INTERACIONISTA DA
LINGUAGEM

Trabalho de Conclusão de Curso – Tipo Monografia, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de graduado.

Orientador (a): Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa, Ms.

CAMPINA GRANDE – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729p Damião Severino de Souza

A prática de leitura no ensino médio [manuscrito] : um estudo à luz do contexto interacionista da linguagem / Damiao Severino de Souza. - 2014.

78 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Ma. Amasile Coelho Lisboa Sousa, Departamento de Letras".

1. Leitura 2. Prática de Leitura 3. Ensino Médio I. Título.

21. ed. CDD 372.4

DAMIÃO SEVERINO DE SOUZA

A PRÁTICA DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO:
UM ESTUDO À LUZ DO CONTEXTO INTERACIONISTA DA
LINGUAGEM

Trabalho aprovado em 18/07/2014

Nota: 10,0

Amasile Coelho L. C. Sousa 10,0

Professora Mestre Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa

Universidade Estadual da Paraíba

Orientadora

Cléa Gurjão Carneiro 10,0

Cléa Gurjão Carneiro - UEPB

Francisca Eduardo Pinheiro 10,0

Francisca Eduardo Pinheiro - UEPB

CAMPINA GRANDE - PB

2014

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, o Ser maior que nos fortalece sempre para que consigamos alcançar nossos objetivos na vida. Sem ele, nada em nossa existência seria viável e possível.

A minha família, que aqui se configura nas pessoas de meu pai Severino e da minha mãe Maria de Fátima, além dos meus irmãos Daniel e Sueliton, pessoas que com todo seu esforço e dedicação me deram a força necessária para não desistir em meio às dificuldades encontradas nessa etapa de minha vida e que me ensinaram o verdadeiro sentido de ser um sujeito capaz de lutar por suas vontades.

A minha noiva Rozymere, pessoa que também esteve ao meu lado nos momentos felizes desta fase de minha vida, bem como nos instantes mais difíceis, momentos que precisamos de pessoas sensatas que nos motivam para o prosseguimento de nossos anseios como ser humano.

Agradeço também a minha orientadora, a Professora Amasile Sousa, que dedicou não somente seu tempo para o delineamento de todo este trabalho, mas como uma pessoa reflexiva, paciente e que traçou para minha pessoa as melhores condições de produção e finalização do presente instrumento acadêmico.

A todos os professores com quem convivi no percurso deste Curso, pessoas que me proporcionaram o saber necessário para a qualificação profissional e pessoal na carreira do magistério, no percurso de vida enquanto futuro docente. O fio condutor de todo o aprendizado por mim adquirido está ligado diretamente a essas pessoas.

Agradeço ainda a todos os meus colegas de turma, as pessoas pelas quais aprendi o sentido do trabalho e estudo coletivo, que o saber não se finda em caráter particular, mas dialogando e assim apreendendo com cada um. Agradeço principalmente a meus colegas Fernanda, Gerlândia, Maria Célia, Márcio e Patrícia; esses colegas também tiveram sua parcela de contribuição para que eu me firmasse como pesquisador, como um aluno preocupado com seu desenvolvimento cognitivo, metodológico, mas também humano.

Com o propósito de não cair em esquecimentos, fica aqui o meu muito obrigado a todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para que este trabalho tivesse êxito e chegasse a sua conclusão, bem como de toda a minha vida como discente, na pretensão da formação para docente na área específica que escolhi.

Resumo

A leitura em sua conjuntura conceitual nos direciona para o entendimento de que essa ferramenta da língua portuguesa é algo que subjaz a decodificação de matérias textuais em si próprios, caracterizando a noção de que o ato de ler se volte a parâmetros da pura visualização de itens gramaticais que se fundem em textos, trechos e outros suportes da língua materna. No desencadear do presente trabalho monográfico, veremos que a leitura não se embasa apenas nessa faceta um tanto superficial no que tange a sua prática dentro dos moldes didáticos, uma vez que a leitura é viva, dialógica, dinâmica e interativa por natureza. Fundamentando, pois o presente trabalho com teorias de autores da corrente interativa, tais como Antunes (2009), Oliveira (2010), De Pietri (2007), e outros; e ainda assegurados de questionários endereçados aos alunos da 3ª série do EM e sua respectiva docente, bem como de observações e intervenção na mesma turma, elucidaremos como o ensino de leitura é praticado nas aulas de língua materna, buscando evidenciar um panorama dos procedimentos a ela inerentes.

Palavras-Chave: Leitura, dialógica, procedimentos.

Abstract

The reading in its conceptual context leads us to the understanding that this tool Portuguese language is something that underlies decoding of textual materials in themselves, characterizing the notion that the act of reading back the parameters of the pure visualization of grammatical items merging in texts, Excerpts and other supporters of the mother language. At the initiation of this monograph, we will see that reading is not based only on this aspect rather shallow with respect to their practice within the didactic manner, since reading is alive, dialogical, dynamic and interactive by nature. Reasons, since the present work with theories of authors of interactive stream such as Ali (2009), Oliveira (2010), De Pietri (2007), and others; and yet assured of questionnaires addressed to students of the 3rd series of MS and their teaching relevant, as well as observations and interventions in the same class, elucidate how the teaching of reading is practiced in mother tongue classes in order to enhance an overview of the procedures it inherent.

Keywords: Reading, dialogical, procedures.

Sumário

Introdução.....	08
Capítulo 1 - Procedimentos metodológicos da pesquisa.....	10
Capítulo 2 - Aporte Teórico.....	16
2.1 Um giro pela competência leitora _____	16
2.2 O papel da oralidade _____	21
2.3 E por falar em Interacionismo _____	23
Capítulo 3 - Análise dos Dados Colhidos.....	27
3.1 Das observações _____	28
3.2 Da intervenção _____	32
3.3 Dos questionários aplicados _____	35
3.3.1 Questionário I (Alunos) _____	36
3.3.2 Questionário II (Alunos) _____	46
3.3.3 Questionário III (Docente) _____	52
4. Considerações Finais.....	56
Referência	58
Apêndice A (Questionário I).....	60
Apêndice B (Questionário II)	65
Apêndice C (Questionário III)	69
Anexo (material de leitura usado pela docente)	72

Introdução

A leitura é uma ação de comunhão para o efetivo trabalho de interpretação e análise de inúmeros aportes linguísticos, seja ele verbal ou não, midiático, tecnológico, dentre outros, fazendo com que o que se lê possa ter um maior entendimento perante a leitura. Com isso, esboçamos em caráter introdutório que a leitura se torna uma ferramenta imprescindível nas esferas educativas no que concernem as aulas de língua materna.

As atividades de leitura no viés pedagógico inerente às ações escolares cotidianas não abarcam contextos interativos e dialógicos no cerne de leituras mais profícuas e baseadas nas relações de dinamicidade empreendidas na vida dos alunos, distanciando assim seu ensino de leitura de meios e métodos abrangentes de análise e compreensão de diversificados contextos linguísticos.

A leitura é uma atividade que desempenha forte relevância no ideário escolar, nas suas conjecturas, nos seus desdobramentos e aplicabilidades no contexto pedagógico, fomentando ou tentando fomentar a cada instante uma melhor percepção do que está posto nos mais diversos textos com fins didáticos aos alunos.

Analisando esse momento, podemos chegar a um postulado de que, nas palavras de Irandé Antunes “*a escola vem falhando na sua função de formar leitores*”; ela é uma das responsáveis pela ausência de um leitor proficiente e capaz de observar as “entrelinhas” de um texto, que o aluno apenas decodifica o que lhe é posto nas aulas, que a escola apenas proporciona itens pedagógicos que impetram tal leitura, leitura essa superficial e não crítica, tampouco social.

Contudo, esse pensamento não se realiza em sua totalidade, pois são e devem ser agentes coparticipantes e efetivos para que o aluno se torne um leitor profícuo não somente a escola, mas sim professores, família, sociedade organizada em si, bem como políticas públicas eficazes e também os próprios alunos, sujeitos principais dessa arte de ler e entender realmente o mundo a sua volta, para que se vislumbre assim um ser participante dos fatores sócio comunicativos no tocante aos usos e entendimentos através da leitura.

Os objetivos a serem alicerçados neste trabalho de pesquisa são as nuances que mostram o panorama da prática de leitura, as conjunturas metodológicas usuais no trato do ensino de leitura em face do corpo discente. Um dos fundamentos que rege a referida pesquisa é de poder vislumbrar como estão acontecendo as práticas de leitura na fase final do Ensino Médio na Escola analisada, atentando para o teor pedagógico diário para então se refletir num caráter geral de como tais práticas estão sendo delineadas nas nossas escolas públicas.

Doravante o ensino de leitura, outro fator que nos alicerça aqui é analisar criticamente, no aluno e também em face da docente as opiniões sobre a temática da prática de ensino de leitura; atentando para o que estes sentem de carência e necessidade educacional, quando se fala em leitura, analisar ainda o que se tem de positivo, em contraponto ao que se nota como negativo na essencialidade de metodologia da área de leitura, do que possa ser melhorado; com o intuito maior de proporcionar maiores estudos e análises, dentro da pesquisa, sobre o que realmente condiciona as deficiências e limitações no trato com a leitura no Ensino Médio, pontos estes que ficaram evidenciados nos questionários respondidos pelos discentes, bem como pela docente.

Outro objetivo nesse trabalho é refletir em meio à intervenção do pesquisador, atentando para o ensino de leitura a ele subjacente, como é a recepção do método utilizado pelo professor naquela ocasião por parte dos alunos, evidenciando semelhanças com o modelo tradicional, bem como explicitando diferenças, pontos positivos e negativos que regeram o momento de intervenção.

Para fundamentação da pesquisa, vários teóricos serão utilizados para melhor aprofundamento da temática, bem como possíveis conjunturas analíticas, dentre os quais podemos listar: Antunes (2009), De Pietri (2007), Rojo (2006), Koch (2006), Martins (1994), Pereira (2009), e ainda pesquisadores do ISD, como: Bronckart. Nosso objetivo aqui é de embasar o que se fundamenta nas conjunturas interacionais no trato da leitura no cotidiano escolar, vendo o que é o Interacionismo, observando o viés social, comunicativo que esta corrente possui.

Esperamos que este trabalho de pesquisa contribua para os já docentes de língua e os futuros professores da área para uma abrangente e eficaz prática de ensino, no que tange à leitura, essa relevante ferramenta que condiciona os ambientes escolares diariamente. Com os fundamentados teóricos no viés interacionista, queremos então elucidar problemáticas e incongruências que ainda presenciamos nas aulas de língua portuguesa e que não podem continuar, em face de toda modernidade e dialogicidade que cerca o mundo e nossos alunos. A sociedade está mais dinâmica, mais interdependente entre diversificados setores, fazendo com que as informações circulem de maneira mais rápida; e essa dinamicidade precisa refletir nas aulas de língua portuguesa, para que os diversos textos e contextos vistos a cada dia sejam vistos e interpretados de maneira lógica, concisa e concreta, para que fundamentemos em nossos alunos melhores condições de interação social perante muitos aspectos linguísticos, no cotidiano escolar e na vivência em sociedade.

Capítulo 1 - Procedimentos metodológicos da pesquisa

As análises de toda a pesquisa aconteceram em variados momentos, que puderam proporcionar o escopo das fundamentações e estudos inerentes ao temário proposto.

A presente pesquisa teve um arcabouço teórico-metodológico qualitativo, através de uma pesquisa-ação acerca das propostas de atividades de leitura vistas na 3ª série do Ensino Médio na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio João Rogério Dias de Toledo, turma esta que conta com uma classe de 25 (vinte e cinco) alunos que foram os colaboradores da pesquisa juntamente com a professora, funcionando em horário vespertino e está situada à Rua Pio Salvador Nº 126, centro, na cidade de Assunção – Paraíba. A pesquisa foi feita em caráter observatório durante um período de 2 (dois meses). O molde da pesquisa-ação foi realizado com embasamento na teoria sociointeracionista da linguagem, visto que tal teoria favorece uma maior e melhor percepção dos estudos inerentes a uma leitura mais social e participativa por parte dos estudantes. Veremos, por conseguinte quais os momentos cruciais que nortearam a pesquisa.

Analizamos, em caráter primeiro e embasados no viés observatório a didática da sala, meios e modos como a docente utiliza e realiza as práticas de ensino da leitura nesta série, bem como foi observada a desenvoltura dos alunos para com a leitura; suas vivências, limitações, dificuldades e sugestões. No segundo momento, aprofundamos nossa pesquisa com questionários para os alunos, com o objetivo de delinear a realidade desses alunos para com os pressupostos inerentes ao ensino de leitura: concepção, situação didática em sala de aula, pontos positivos e negativos que rodeiam os procedimentos pedagógicos concernentes à prática de leitura nas aulas de língua portuguesa, bem como questionário para a professora; atenuando as visões do referido profissional da educação sobre sua vivência no cotidiano escolar quando o assunto é a leitura. Na sequência, foram aplicadas duas aulas em caráter interacionista pelo pesquisador deste trabalho. A essência teórica que fundamenta a presente pesquisa e após isso outro questionário foi aplicado aos alunos, este em caráter comparativo entre as metodologias utilizadas pela docente titular da turma em comparação com as aulas dadas pelo pesquisador para se trabalhar a leitura, com o intuito de ver nos alunos o que eles sentem desse tipo de aula, se atende aos requisitos dos alunos, se condiciona melhores métodos de ensino acerca da leitura, ou se no fim, é apenas mais um modelo que não corrobora para melhores princípios e meios dialógicos para formar melhores condições de leitura, ou seja, os dois questionários endereçados aos discentes tiveram a pretensão de analisar os dois tipos de aula vistos, as aulas do docente em contrapartida com as aulas do

pesquisador, fomentando um senso crítico mais apurado do que realmente condicionam as limitações no trato do ensino de leitura.

Após esta breve descrição de como as atividades de observação se deram na turma de 3º ano do ensino médio, veremos com detalhes o que aconteceu durante os dias de observação na referida turma, como ocorreram tais observações, a aplicação dos questionários, e ainda o dia que foi dedicado à intervenção do pesquisador na sala de aula. A partir de agora, teremos os detalhamentos possíveis de como se sucederam as fases da pesquisa para depois chegarmos ao momento das análises.

Em primeira instância, foi observado como os discentes estão fazendo uso das práticas de leitura no âmbito da sala de aula, quais as qualidades, a proficiência, as limitações, as dificuldades e necessidades de melhoramento no que concernem à problemática no hábito da leitura escolar. Nesse momento, ainda tivemos a oportunidade de observar como a professora trata dessa temática, como se dá, na realidade, sua prática educativa em torno de sua sequência didática e como ela se porta perante às deficiências no tratamento da leitura empreendidas pelos alunos. Pudemos ver nesse instante como foi posta a sequência didática da docente em meio às atividades de leitura na sala e, a partir daí, coletar cópia de todo o material didático por ela utilizado.

A seguir, veremos detalhadamente como se caracterizaram as observações das aulas, que tiveram o corpo de onze dias úteis, o que dá vinte e duas aulas na turma em estudo.

No primeiro encontro, especificamente em duas aulas, realizadas dia 22/10/2013 com a turma, a docente presente fizera, na primeira aula uma leitura silenciosa com os alunos de conteúdo do livro didático, páginas 212 e 213 (do LD); sendo feita apenas esse tipo de leitura e nada de discussão com a turma, tampouco leitura compartilhada com os discentes. Na sequência, mais precisamente na segunda aula foi mostrado o restante do Filme “Macunaíma”, uma vez que a primeira parte do referido filme foi passado em aula anterior em que o pesquisador não tinha adentrado na turma para as observações.

No segundo dia (23/10/2013), a docente aplicou uma atividade sobre o filme Macunaíma, atividade essa valendo pontuação para nota bimestral. A referida atividade continha em seus questionamentos indagações sobre as cruciais características que constituíam o referido filme, como as personagens, o enredo, o contexto histórico, o foco temático da obra, dentre outros. Logo após fora mostrado um pequeno vídeo, intitulado “Modernismo”, com duração de trinta minutos, evidenciando a geração de trinta, aspectos como: principais autores, o contexto histórico da escola literária, as obras fundantes e que se consagraram no referido período.

O terceiro dia, que aconteceu em 30/10/2013 foi utilizado pelo pesquisador para aplicação do questionário endereçado aos alunos. O presente questionário possui 9 (nove) questões fundamentais para a discussão das práticas de leitura no aparato escolar, indagações sobre concepção de leitura que os discentes têm, o grau de leitura que os mesmos possuem, quais as dificuldades encontradas na sala de aula em relação a tal prática educativa, as possíveis melhorias, o que de fato já se solidifica de interessante no meio educativo inerentes ao ensino de leitura no Ensino Médio. Esse questionário busca compreender, em caráter introdutório, como os alunos entendem o ensino de leitura no seu dia a dia, para se começar então as discussões, em caráter posterior, na análise do corpus, que veremos adiante.

O dia 05/11/2013, o quarto dia na turma foi totalmente aula de gramática, ocorrendo a análise sintática de frases descontextualizadas, frases essas como: Joana visitou sua amiga de infância/o governador mandou uma comitiva para o Chile...; os alunos teriam que resolver os questionamentos das frases propostas, tirando núcleo do sujeito, predicados, adjuntos, dentre outros. Após a atividade, foi feita a correção e posteriormente mais frases foram deixadas para casa a fim de que os discentes respondessem frases com o mesmo teor acima citado.

No quinto dia na turma (06/11/2013) foi dia de aula de literatura, em que a docente aplicara questões valendo pontuação sobre poema de Drummond “O lutador” contido na página 218 do livro didático, antes dessa atividade, a professora pede leitura silenciosa dos alunos do referido poema e logo após tenta abrir discussão com a turma. Feita a atividade, a docente deixa para casa a leitura das páginas 233 a 235 do livro didático, que fala sobre a obra “A hora da estrela” de Clarice Lispector.

No dia 12/11/2013, a aula iniciou-se com a leitura silenciosa das páginas 233 a 235 do livro didático e então a aula se encaminhou para que se assistisse a um filme, intitulado “A hora da estrela”, filme que tem relação com as leituras das páginas citadas. E as aulas terminaram com apenas a metade deste filme vista pelos alunos.

No sétimo dia com a turma, (13/11/2013) pode ser visto, de início a leitura silenciosa do texto a águia e a galinha e depois a leitura em voz alta (professora) do mesmo texto, logo após aconteceu uma atividade contendo nove questões interpretativas sobre o texto lido, valendo mais uma vez pontuação a ser anexada em nota bimestral.

Dia 19/11/2013, o oitavo encontro com a turma aconteceu novamente aula gramatical, com uma atividade em dupla para analisar sintaticamente dez frases. A priori, seria uma avaliação sem pesquisa e com peso 10,00 (dez), contudo a avaliação mencionada se deu em duplas, mas com peso 7,00 (sete). E as duas aulas do dia foram para resolução dessa avaliação.

Na sequência das aulas, aos 03/12/2013 foi momento de reavaliação da última atividade feita com a turma, acontecendo antes disso uma revisão sobre os principais postulados que cercam as questões da reavaliação, tais como: predicado verbal, adjunto adnominal, objeto direto, objeto indireto. Os primeiros trinta minutos serviram para a revisão e apenas depois desse tempo é que de fato iniciou-se a reavaliação com os alunos.

O décimo dia (04/12/2013) foi utilizado para a apresentação dos trinta minutos finais do filme “A hora de estrela”, praticamente um mês depois que a primeira parte fora mostrada. Depois que o filme teve fim, foi hora de contextualizar as opiniões dos alunos em comentários breves, alguns alunos comentaram superficialmente os traços do filme. Todos os comentários e discussões se voltaram em dez minutos e depois desse tempo, a docente entregou uma atividade contendo três questões sobre o filme, e assim tem fim mais um dia na turma.

No dia 10/12/2013 foi dia então de o pesquisador intervir na turma, e então o pesquisador foi submetido a dar duas aulas em caráter interacionista, trazendo uma sequência didática com aspectos inerentes a este tipo de ensino no que tange à prática de leitura. O “professor” iniciou a aula mostrando a proposta temática do dia: língua falada, diferenças e semelhanças entre oralidade e escrita. Para iniciar as discussões uma leitura compartilhada de trechos poéticos e musicais que dialogam com a proximidade fala/escrita, textos como a canção Samarica Parteira, de Luiz Gonzaga, Pronominais e Vício na Fala (Oswald de Andrade). Depois das leituras, feitas pelos alunos, foi o momento de discutir sobre fala, escrita, proximidade e distanciamentos, instigando os alunos a se posicionarem criticamente perante as leituras; após isso teve início o debate sobre o que realmente é leitura, o que os discentes entendem sobre os artifícios inerentes à prática de leitura no contexto escolar e também na sociedade.

Cabe fazer um parêntese aqui, para se falar do questionário endereçado à docente, que por não entrar em um dos dias de aulas não teve ainda um direcionamento metodológico no presente trabalho.

O referido questionário para a professora tem em sua essência questões sobre a concepção de leitura que a mesma possui; práticas de leitura por ela corroboradas no cotidiano escolar, as limitações vistas nos alunos quando o assunto é leitura, como percebe o atual modo de ensino de leitura num âmbito geral nas escolas de nosso país, e sugestões de meios que fortaleçam a prática de ensino de leitura mais condizente com os alunos pertencentes ao mundo interativo. O objetivo do presente questionário é fortalecer a nossa análise neste trabalho de pesquisa, trazendo à tona a voz do docente, uma vez que se torna

imprescindível o que este ser compreende no seu dia a dia escolar, pois ele é chave primordial para nos dizer o que realmente ocorre com o ensino de leitura no ambiente educacional.

Para finalizar a parte metodológica da pesquisa fora aplicado mais um questionário para os alunos, desta feita com apenas quatro colaboradores, pois entendemos que estes evidenciaram bons posicionamentos sobre as concepções de leitura e mostraram desenvoltura nas discussões feitas ao longo das aulas.

É com esse arcabouço metodológico: questionários para os alunos, questionário para a professora, aulas ofertadas que pretendemos, mais na frente, analisar esse corpus da pesquisa em variadas vertentes de entendimento e embasadas na teoria socioninteracionista. Esperamos elucidar problemas, e chegar a alguma conclusão do que de fato ocasiona ou pode ocasionar as deficiências quando o assunto é o ensino de leitura no Ensino Médio, que é a nossa fonte de pesquisa para o presente trabalho científico.

A guisa de fechar nosso momento metodológico, traremos um quadro sintético das etapas da pesquisa, desde o momento de observação, passando pelos questionários e chegando à intervenção, detalhando período destinado a cada etapa e ainda o objetivo alicerçado durante o momento analítico que será feito nas próximas sessões deste trabalho monográfico.

Vejamos então como se realiza o quadro demonstrativo em relação às etapas de execução da pesquisa:

Quadro Demonstrativo das Etapas seguidas para obtenção do corpus da pesquisa

Etapas	Período	Objetivo
Observação das aulas	18 aulas (9 dias letivos)	Observar o contexto didático, metodológico face ao ensino da leitura num viés cotidiano das aulas de língua portuguesa.
Questionário I (alunos)	2 aulas (1 dia letivo)	Esboçar as noções de leitura que os discentes possuem; proficiências, limitações e sugestões.
Questionário II (alunos)	Extraclasse (após intervenção)	Delimitar as comparações dos procedimentos metodológicos do momento de observação junto ao momento de intervenção do pesquisador sobre a ação leitora em sala de aula.
Questionário III (docente)	Extraclasse	Explicitar na docente sua vivência da prática de leitura em sala de aula, a fim de observar a opinião desta em detrimento das opiniões dos alunos.
Intervenção	2 aulas (1 dia letivo)	Realizar junto aos alunos duas aulas em caráter interacionista, corrente que embasa o presente trabalho, com o objetivo de aprofundar as discussões sobre o que ocorre com o ensino de leitura.

Capítulo 2 - Aporte teórico

2.1 Um Giro pela Competência Leitora

O ensino de língua portuguesa, mediante os procedimentos inerentes às práticas de leitura deve constituir-se de embasamento metodológico e pedagógico na construção de competência(s), visto que o ato de ler confronta-se sempre com percepções dialógicas fundamentadas na competência de interpretar e fomentar visões, pensares e ideias; e por isso se faz necessário sempre que esta tal competência se caracterize no tocante ao momento da leitura. Com isso, podemos analisar que no ensino da leitura, a formatação de um aluno-leitor profícuo se relaciona, intrinsecamente, pela formação da competência leitora. A respeito desta ideia, vale salientar o que diz Pereira (2010, p. 34):

É praticamente unânime a ideia de que o ensino de língua portuguesa, no que concerne ao trabalho com a leitura, deve ser metodologicamente desenvolvido com vistas à formação de um leitor crítico e competente.

Contudo, temos que apreciar agora o que se entende por competência, qual a sua real significação em detrimento do desenvolvimento deste leitor crítico-participativo em meio às aulas de língua, em particular, e na sociedade em geral. Tendo a noção do grau conceitual da palavra competência é que poderemos dar maiores esclarecimentos sobre a leitura.

Entendemos competência com uma faculdade do ser humano de ser capaz de gerir algo, de compreender determinadas ações sociais e interativas. Um sujeito é competente quando consegue ter aptidão para fundamentar com consistência o que faz e/ou realiza perante a sociedade nos seus diversificados contextos comunicativos. Através deste entendimento, dizemos então que, em se tratando de leitura, um sujeito é competente quando não apenas a decodifica, mas vai além do simples ato de conseguir decifrar as palavras vistas em períodos e construídas em frases, formando assim um determinado texto; um leitor competente faz com que o que ele lê mantenha relações com sua vivência, com o seu conhecimento de mundo, com os contextos sociais, buscando entender o momento de produção de um dado texto, qual a relação deste texto com seu produtor, com a sociedade da época em que o texto foi escrito; a competência leitora abre as portas para o dialógico, o interacional, o dinâmico, fazendo com que o ato de ler não seja aquela situação monótona de interpretar o que o texto quer dizer, pois este mesmo texto pode ser refutado, indagado, elogiado, melhorado, construindo assim melhores condições para que o ser competente se forme de maneira mais eficaz na sociedade.

A competência leitora traz consigo diversas capacidades que um aluno-leitor deve ter na sua atividade cotidiana, dentre elas podem ser citadas o ato de refletir sobre o que é lido, ou seja, analisar um texto ou compará-lo a outros contextos de produção, e ainda construir suas percepções através de inferências. Por este apanhado, vemos o quão é importante a construção da competência leitora no aluno.

No contexto do desenvolvimento da competência leitora, as práticas de ensino podem fugir do modelo tradicional de caracterização da leitura, aquele ato de apenas decodificar graficamente as palavras, sem um fim interativo, pois com o afirma Pereira, 2010, p. 36; *nessa abordagem, o leitor é caracterizado como um sujeito passivo a quem compete tão somente recuperar um sentido que está objetivamente exposto no texto*. Neste viés, queremos aqui explicitar que se faz necessário, em caráter de urgência fazer com que esse tipo de ensino de leitura se torne obsoleto nas aulas de língua, desaparecendo de vez as metodologias incorporadas aos procedimentos didáticos no que tange às práticas de ensino de leitura no ideário escolar.

Outro aspecto que deve ser citado aqui é o método cognitivo, aporte pedagógico que acresce muito ao ensino da leitura. O que se percebe é que, mesmo com suas limitações, ele deixa marcas relevantes no trato da leitura em nossas aulas de língua portuguesa. Assim, o sujeito trará para os preceitos cognitivos suas construções ideacionais ao longo da vida, suas vivências dialógicas, apreendidas no percurso social e coletivo, fazendo com que o que se lê torne-se reflexo e entendimento do que ele, leitor, viveu e percebeu a cada instante de sua fase evolutiva em meio aos contextos comunicativos; na escola, em casa, nas ruas, na comunidade em geral. Some-se a isso o que diz Pereira (2010, p. 36):

Outra forma de conceber a leitura é considerá-la em seus aspectos cognitivos. [...] procura-se compreender o processamento da compreensão a partir de hipóteses levantadas pelo leitor no ato da interação com o texto. Nesse sentido, o leitor recorre a conhecimentos específicos construídos durante a sua vivência com outros sujeitos.

Percebemos que há, nesse viés, uma pequena evolução no trato da aquisição e melhoramento inerente ao ensino-aprendizagem da leitura, uma vez que fatores que entrelaçam os aspectos de conhecimentos de mundo serão utilizados como pano de fundo para as possíveis leituras de um determinado contexto linguístico, ou seja, aspectos que mantenham relação com o arcabouço vivido por um ser social serão incorporados ao seu entendimento sobre textos afins que lhe serão postos. Queremos, pois, chegar à visão de que os alunos precisam usar desse artifício para poder produzir uma leitura mais abrangente e eficaz dos seus materiais pedagógicos, doravante os mais diversificados textos da língua portuguesa que são usados no contexto escolar.

Até o presente momento atentamos para vertentes de estudo e pesquisa que se baseiam em conhecimentos prévios, aspectos de decodificação sobre o intuito da leitura, mas que em muita ou nada acrescentam aos parâmetros que regem as práticas de ensino de leitura. Com efeito, é interessante salientar que

Ultimamente tem sido corrente a afirmação de que os objetivos da escola se devem voltar para a ampliação de diferentes competências. E, naturalmente, o termo competência entrou para o dia a dia do discurso pedagógico (ANTUNES, 2009, p. 189).

Com isso, percebemos que a construção da competência leitora subjaz aos itens acima citados, uma vez que a decodificação é o primeiro passo na caracterização da leitura, mas ela por si só não garante a confiabilidade, a veracidade e a criticidade no ato de ler; portanto ao se trazer à tona os valores cognitivos do leitor, principalmente os diversificados conhecimentos adquiridos no meio social e cultural, político e econômicos é que poderemos então vislumbrar uma leitura crítico-participativa perante o que é dado como material/suporte textual; pois *a competência envolve uma relação com o “saber” ou com os saberes acumulados previamente, ao longo da vida* (ANTUNES, 2009, p. 190). Do proposto até aqui, estamos acentuando o grau de importância que rodeia a palavra competência leitora, competência essa que rege o andamento de uma leitura profícua, participativa, interativa do ponto de vista metodológico e didático. Evidenciamos que ler significa dialogar com outras leituras, inferindo-as, refutando-as e até mesmo acrescentando-as, anexando ao processo interpretativo conhecimentos vivenciados ao longo da vida em detrimento do ser leitor que quer abranger sua competência leitora, fomentando fundamentos peculiares às essências interacionistas no tocante à linguagem, tais como uma leitura motivacional, crítica, construindo e desconstruindo o texto; fazendo com que se concretize uma leitura diversificada e que nasça, sobretudo, a competência leitora.

Que o ato de ler necessita de conhecimentos prévios para se formar o viés interativo, isso já se sabe, mas vale salientar alguns meios pelos quais tais conhecimentos surgem na dinâmica leitora, uma vez que esta não se realiza apenas materialmente falando, ou seja, ela não é apenas aparato linguístico, mas sim arcabouço de variados critérios, entre os quais discorreremos na sequência.

Coloquemos de imediato as cartas na mesa: a leitura não é uma atividade exclusivamente linguística. E isso se deve ao fato de a leitura exigir dos usuários da língua conhecimentos prévios de tipos diferentes: conhecimentos linguísticos, conhecimentos enciclopédicos ou de mundo, e conhecimentos textuais. (OLIVEIRA, 2010, p. 60).

Encontramos na referência acima três pilares pragmáticos que são base de sustentação para o constructo da competência leitora. Essa base de três nuances dialogam entre si para a

formatação de uma boa leitura, de uma interpretação satisfatória e de métodos que possibilitem os entendimentos extralinguísticos que podem e devem aparecer dentro do escopo de uma leitura, onde cada qual exercendo um papel diferente, mas corroborando para a implantação da interatividade no que concerne à prática de leitura.

Faremos aqui uma breve discussão sobre a conceituação dos três pilares essenciais que foram citados anteriormente, para alicerçarmos nosso ponto de vista sobre o que se pode delinear dentro da competência leitora.

Os conhecimentos ditos como linguísticos são aqueles que apresentam os valores sintáticos, os aspectos normativos e gramaticais da linguagem, bem como os fatores da morfologia e da ortografia. Ao se falar em conhecimento linguístico criamos na mente que um falante/leitor que queira apresentar uma boa competência leitora terá em si um “domínio satisfatório” das essencialidades gramaticais, dos aspectos coesivos que regem a língua portuguesa.

Já os conhecimentos enciclopédicos visam acrescer os valores de mundo, as especificidades da sociedade, dos conhecimentos do senso comum, valores culturais, econômicos, políticos, religiosos, classe social, dentre outros. Todos esses valores serão levados em consideração no ato de ler, pois o sujeito-leitor trará para si a carga vivida ao longo do tempo para formular sua leitura.

Os conhecimentos textuais, próximos aos conhecimentos linguísticos, são exatamente os aportes ligados aos elementos de textualidade, ou seja, estão relacionados às conjunturas de tipo e gênero textuais. Tais conhecimentos são relevantes, pois denotam a expressividade da materialidade textual nas suas diversificadas vertentes, proporcionando ao leitor o conhecimento específico de cada uma das características inerentes aos tipos de texto e principalmente aos inúmeros gêneros textuais.

Do exposto até aqui, ressaltamos a importância de se criar na escola as competências leitoras necessárias para que o aluno seja capaz de se posicionar perante um material textual, para que se amplie a noção e as possibilidades variadas de competência leitora no aluno do nível médio de ensino, e que este saia da escola com uma visão amplificada no trato da leitura, sabendo que:

[...] a leitura não é uma prática escolar, mas uma prática escolarizada. As práticas de leitura podem se desenvolver independentemente da escola, ainda que a escola seja, numa sociedade como a nossa, a principal instituição responsável pelo seu ensino. (DE PIETRI, 2007, p. 33).

Corroboramos com a ideia de que ler não pode apenas acontecer na escola, mas em toda a sociedade comunicativa, visto que as construções de suas competências se regem na e

pela sociedade; os textos se fundamentam mediante as condições de produção e ação dos sujeitos, e por esse patamar entendemos que o ato de ler deva se dirigir mais e mais ao cotidiano das pessoas, mantendo sempre relação com as atividades comunicativas do ser leitor. Acrescente-se a isso o que ressalta Pereira (2010, p. 54):

[...] somente uma concepção de leitura que considere não apenas os aspectos linguísticos e cognitivos, mas as nuances históricas, socioculturais e ideológicas que constituem esse processo poderá abranger, adequada e satisfatoriamente, a abordagem desse objeto da sala de aula e fora dela.

A sociedade se delinea atualmente sob novos e modernos meios de comunicação de massa que dinamiza a linguagem e a interação entre as pessoas, e não longe disso, a leitura dinâmica se faz presente em meio a tudo isso, sendo um elo forte na aparição de linguagem rápida, eficaz e dialógica perante os sujeitos leitores. Buscar competências leitoras torna-se aqui primordial, partindo da premissa de que os alunos são fonte e fruto dessa comunicação de massa e trazer, portanto, leituras que dialoguem com esse tipo de “cultura” moderna faz com que tais competências possam ser alcançadas, pois esse tipo de leitura terá sempre proximidade com os discentes, fazendo com que se torne atrativa a atividade de leitura e, sobretudo, que se firme na escola e na sociedade leituras capazes de construir criticidade aos sujeitos participantes da linguagem. Se não chegarmos a essa variante que se propõe ao ensino dinâmico e interativo da leitura recairemos em uma leitura meramente tradicional e de caráter decodificador, de se ler um texto e fazer uma vaga interpretação sobre o mesmo, o que acarreta a postulação de que:

[...] caso as atividades de leitura se limitem às oferecidas por esse material, os leitores em formação não terão acesso, na escola, à organização e às práticas desenvolvidas pelos leitores proficientes numa sociedade letrada. (DE PIETRI, 2007, p. 49).

Apresentar e ampliar a competência leitora nas salas de aula evidencia a multiplicação dos saberes necessários ao discente, abrindo um leque de preceitos e percepções no que tange à atividade da leitura, fazendo com que esta se torne fonte de conhecimento profundo, cultural, social e historicamente falando, pois essa crucial ação didática chamada leitura propicia, dentre outras essencialidades:

[...]O respeito ao princípio democrático de que todos têm direito à informação, ao acesso aos bens culturais já produzidos, aos bens culturais em vias de produção ou simplesmente previstos, nas sociedades, sejam elas letradas ou não. (ANTUNES, 2009, p. 192).

Percebemos então que se faz necessário em caráter de urgência saber o que de fato se conceitua por competência leitora, a fim de que os materiais textuais, culturais e ainda didáticos sejam fonte de conhecimento para os alunos no ambiente escolar.

2.2 O papel da Oralidade

Ao falar em leitura, um bom aspecto a ser mencionado que não devemos deixar de explicar é o papel que a oralidade tem em meio à aquisição e aperfeiçoamento da prática de leitura em nosso ambiente escolar. Por isso que análises teóricas são imprescindíveis para a produção do presente trabalho monográfico, uma vez que ao se falar em leitura logo acrescentamos a nosso pensamento que os artifícios que regem a oralidade podem e devem se fazerem presentes nas marcas da leitura, leitura essa eficazmente satisfatória nos procedimentos didáticos.

Falando em trabalho com a leitura, a oralidade deve estar presente nas discussões das aulas de leitura, e como consequência para análise e produção de textos mais condizentes com a realidade comunicativa dos alunos. Apresentando a oralidade como uma das características que fomentam a língua, chegaremos àquela ideia de que:

A oralidade é adquirida nas relações sociais do nosso dia-a-dia, desde o nosso nascimento. Somos participantes de situações sociais e, cabe a nós nos comportarmos de um modo diferente em cada situação comunicativa. O contexto é que determina o tipo de linguagem que devemos utilizar. Por isso, a prática da oralidade é uma forma de inclusão cultural e de socialização. (SILVA, 2008, p. 4)

Em suma, a oralidade desempenha um papel relevante no cenário da prática de leitura, visto que esse aparato da linguagem subjaz às relações sócio - comunicativas do sujeito leitor, onde as marcas preponderantes de um determinado contexto serão expressas de acordo com as funções inerentes ao material textual, ou seja, marcas de oralidade podem aparecer em consonância com as propostas do texto, com o objetivo e público alvo a ser atingido, ocasionando a atividade comunicativa em detrimento do que se propõe o texto, a leitura, o autor, enfim, todos os agentes participantes da materialidade linguística, interativa e com a presença da oralidade.

O ser social é em si participante de uma cadeia comunicativa, e, grosso modo, interagimos cotidianamente face às conjunturas da linguagem em determinados contextos; fazemos usufruto da língua e denotando marcas peculiares de oralidade no momento/ato de diálogo permanente mediante as ações de comunicação dia após dia, fazendo com que a linguagem seja algo solto, desprendido de formatações normativas e interativas, fazendo com que o ser social se enquadre numa “teia” dinâmica nas relações comunicativas intermediadas pela oralidade em seus diversos aspectos e usos diferenciados. Ainda nessa discussão é necessário salientar que:

A linguagem é muito dinâmica, podemos dizer que ela está em constante transformação, pois ao mesmo tempo vem modificando e sendo modificada pelos que a utilizam, os quais vão se apropriando dela e inserindo-a num processo de construção e reconstrução contínua. (SILVA, 2008, p. 5).

Outro ponto que merece destaque aqui é em relação ao papel do professor de língua materna no tocante às percepções de distinções e semelhanças entre oralidade e escrita, pois ambas, mesmo possuindo momentos longínquos, podem se unir e/ou aparecer em alguns momentos face aos materiais textuais os mais diversos possíveis; cabe a ele observar as nuances que fazem com que marcas de oralidade e escrita se fundam no ideário linguístico. Sabemos que marcas de oralidade, em algumas ocasiões, não são vistas com bons olhos perante a escrita, uma vez que esta se fundamenta nos itens normativos e se preceitua a norma dita culta, mas como falamos de leitura dinâmica, vivida em sociedade e esta se organiza e dialoga de muitas formas, a oralidade se fará presente em meio a ela, fazendo surgir a discussão de que tais marcas possam ser observadas com mais afincamento nas aulas de língua em geral, e por que não dizer nas práticas de leitura, pois está realmente pode se solidificar em bastantes marcas orais. Portanto fica a sugestão nossa, enquanto membro linguístico e pesquisador dessa área de que:

Aos Professores competem observar a linguagem falada como parceira da linguagem escrita, tentando mostrar aos alunos que existe uma distinção entre elas, não podendo ser concebidas de forma separada, pois uma influencia a outra constantemente e vice-versa. (SILVA, 2008, p. 6).

Como construção de nosso pensamento, observamos aqui que é salutar a noção de não se estudar e analisar de maneira separada e ao mesmo tempo equivocada a oralidade e a escrita, uma vez que ambas as ferramentas andam juntas para o surgimento dos espaços linguísticos em caráter educacional, mas também social e humano, e negar suas semelhanças se torna um tanto superficial e inadequado do ponto de vista analítico.

2.3 E por falar em Interacionismo...

Chegamos então a um dos pontos chave desse trabalho de pesquisa, momento que faz referência ao caráter interativo da linguagem, portanto com base no que se convencionou chamar Interacionismo Sociodiscursivo-ISD, mantendo relação com as práticas de leitura vistas no âmbito escolar, mais precisamente na 3ª série do EM, que trataremos mais adiante.

A teoria de sustentação do ISD é a de que a atividade social da língua/linguagem se caracteriza de maneira evolutiva perante as interações dos seres ao longo de sua vida, fazendo denotar [...] a compreensão da língua como uma atividade constitutiva da ação humana e que se constrói, continuamente, nas interações entre os seres humanos... (PEREIRA, 2009, p. 113)

Outro ponto importante que subjaz o ISD é a questão da interdisciplinaridade, aspecto relevante na constituição de uma leitura propulsora de interações entre diversas áreas de conhecimento. No que diz respeito à leitura, a interdisciplinaridade é necessária, pois, ao ler, o aluno precisa de resoluções que proporcionem um entendimento amplo do que ele está lendo, portanto o conhecimento abrangente de várias ambiências sociais, comunicativas e interpretativas se torna salutar do ponto de vista a corroborar para uma leitura eficiente.

O ISD aceita todos os princípios fundadores do interacionismo social e contesta, portanto, a divisão atual das Ciências Humanas/Sociais: nesse sentido, não é uma corrente propriamente lingüística, nem uma corrente psicológica; ele quer ser visto como uma corrente da ciência do humano (PEREIRA, apud BRONCKART, 2009, p. 115)

Levando a discussão para o viés psicológico, merecem destaque os estudos feitos por Vygotsky, que vem nos relatar sobre a funcionalidade da internalização dos fatores da linguagem pelo apego psicológico. Além de analisar e ver a linguagem como constructo social e dinâmico, devemos atentar para o apreço que a psicologia tem a favorecer e condicionar a constituição da língua através da leitura diante de uma comunidade letrada ou não; a temática agora sai do coletivo e entra no individual, pois cada ser terá um posicionamento diferenciado ao se deparar com um texto e isso de qualquer forma está por traz de uma reação psicológica. A respeito disso, deve-se salientar que esse processo se dá por meio de transformações distribuídas em fases, e que podemos explicitá-las em:

a) uma construção que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. [...]; b) um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. [...] c) a transformação de um processo interpessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento (PEREIRA apud VYGOTSKY, 2009, p. 117)

Depreende-se então que o ser ao construir seu lócus de leitura na linguagem tanto utiliza seu contexto de mundo e fatores sociais quanto seu momento individual relacionado a um aporte eminentemente psicológico, algo que ele tem e produz em sua mente, portanto é único e exclusivo desse ser, e como construção da linguagem os dois aspectos são relevantes a ainda necessários, individual e coletivo se fundem para o fomento de uma leitura crítica e eficaz. É através desses conceitos principais, porém não em sua totalidade que o ISD proporciona para que a leitura não seja vista apenas pelo aspecto tradicional e decodificador que foi evidenciado no início desse debate.

Mas, voltando ao temário das práticas de leitura concernentes ao âmbito escolar podemos com mais clareza elucidar alguns tópicos, dentre os quais serão discorridos agora.

Sabemos que além da leitura social e comunicativa, há uma tendência maior, mas não total para tal atividade no contexto escolar, haja vista que *a leitura não é uma prática escolar, mas uma prática escolarizada* (DE PIETRI, 2007, p. 33).

Com isso, queremos aqui analisar que a prática de leitura pode e deve acontecer independentemente da instituição escolar, mesmo esta sendo a principal instituição a fomentar e sistematizar a leitura. E mais, através dessa noção espera-se dos alunos do 3º ano do EM que busquem e façam realmente essas leituras de mundo, das situações comunicativas que a linguagem lhes proporciona no cotidiano, na praça, na igreja, no comércio, na mídia, enfim em todos os ambientes em que a leitura esteja presente e possa ter um lócus de comunicabilidade em detrimento destes alunos.

Trazendo nosso debate do interacionismo para as noções que se configuram no ensino da leitura, temos como um primeiro pensamento a nuance de que o ato da leitura se preceitua na relação entre dois seres, pelos quais se apresenta a atividade de ler, esses coparticipantes da atividade leitora são o leitor e o autor; sujeitos que fazem com que a leitura tenha fundamento perante os atos comunicativos e interacionais da linguagem como detentora de dialogismo permanente. Nesse escopo, é salutar o que aborda Kleiman, (2009,p.65):

E começaremos definindo a atividade de leitura como uma interação a distância entre leitor e autor via texto. A ação do leitor já foi caracterizada: o leitor constrói, e não apenas recebe um significado global para o texto; ele procura pistas formais, antecipa essas pistas, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões.

Podemos perceber o quão é importante a interação desses membros em meio ao suporte textual para que se possa caracterizar uma leitura profícua nas salas de aula, vemos que (Kleiman) conceitua, de maneira objetiva a noção de leitura, quando se refere que a leitura é em si própria uma interação, mesmo que em caráter não muito próximo, pois essa interação se dá a distância, mas que ao mesmo tempo a interação se faz necessária entre leitor

e autor, mediado pelo texto, e assim se formando permanentemente a didática estrutural e também dialógica do ensino da leitura, sendo imprescindíveis nessa esfera momentos de leitura prévia, leitura, releitura, construção e reconstrução de ideias e opiniões, chegando a aceitar o que lhe é dado como aparato textual, e podendo ainda refutar posições direcionadas pelo autor.

Ainda sobre o papel do leitor é interessante o que nos traz Moita Lopes, (1996, p. 141), quando diz que “*O leitor é visto então como sendo parte de um processo de negociação do significado com o escritor, por assim dizer, do mesmo modo que dois interlocutores estão interagindo entre si na busca do significado*”. Depreende-se nessa ótica que, no ato da leitura, o sujeito negocia e/ou trabalha segundo o processo de aquisição e percepção do que está contido no suporte textual, isto é, ler se torna uma atividade de interação com o autor, perpassando pela tentativa de se conseguir um determinado significado, tendo em mente que esse significado nem sempre se concretiza no que o autor quis atenuar no seu texto. Está então caracterizado o que a interação proporciona no ato de ler, o entrelaçar do conhecimento processual do leitor perante uma determinada leitura em face do que o autor tentou provocar através de sua escrita, fomentando assim a leitura, que para nós, se configura como interativa.

Ainda sobre a leitura neste caráter processual e interativo nos vale o posicionamento de que

O ato de ler aqui é visto como um processo que envolve tanto a informação encontrada na página impressa – um processo receptivo – quanto a informação que o leitor traz para o texto – seu pré-conhecimento, um processo cognitivo (MOITA LOPES, 1996, p. 138)

Observamos aqui o quão se torna interessante o diálogo permanente de construção de uma leitura, através dos dois pontos situados acima, onde informação e conhecimento prévio se fundem para se construir um ato de leitura que condiciona uma melhor interpretação do jogo e/ou material textual colocado nas linhas de um texto. Há uma negociação intrínseca entre matéria de texto e o(s) conhecimento(s) adquirido(s) pelo leitor para se configurar na mente deste um possível entendimento e interpretação no que tange às propostas de criticidade e participação na leitura por parte de quem o lê. O que podemos denominar de leitura profícua nasce justamente desta conjectura de diálogo permanente das ações interpretativas em comunhão com a vivência do leitor face às materialidades textuais vistas na escrita.

Contudo, é necessário incrementar esse raciocínio, e ao mesmo tempo voltando para a questão dos papéis que leitor e autor desempenham, pois estes necessitam de um constructo coerente e embasado em relação à sua produção textual, no caso do autor, atentando para os

pontos que rodeiam sua escrita; e da responsabilidade do leitor quanto ao seu posicionamento mediante a leitura que ele fizer do texto do autor. Ambos possuem responsabilidades importantíssimas no ideário de diálogo que mantêm na construção textual e na sequência na tomada de posição que o leitor fará ao se deparar com o texto, a leitura interativa que se propaga e se quer fomentar aqui é justamente essa leitura participativa entre autor/leitor mediado pelo texto. Sobre essa explicação é relevante dizer que de faz necessária

[...] a insistência na responsabilidade maior de autor e leitor, responsabilidade esta que, para o caso do leitor, consiste em releituras, análise de palavras e frases, inferências, ativação de conhecimentos, e, para o autor, consiste em mapear claramente as pistas que permitam uma reconstrução do significado e da intenção comunicativa. (KLEIMAN, 2009, p. 67).

Acresce-se a isso a questão de que ler é em si um ato comunicativo, em que estão impetrados contextos sociais, políticos, regionais, históricos, dentre outros; fatores pelos quais se justificam um tipo ou outro de posição e /ou interpretação diante de uma materialidade textual face ao ato da leitura e que tanto o autor como o leitor estão embasados nessa vivência para desempenharem suas funcionalidades em detrimento da produção e leitura do texto, pois como afirma Moita Lopes, (1996, p. 142): *[...] está implícito neste modelo o fato de que leitores e escritores estão posicionados social, política, cultural e historicamente ao agirem na construção do significado. [...] Ler é se envolver em uma prática social.*

Ainda obre essa temática, nos é importante a fala de Kleiman, (2009, p. 76), quando a mesma diz que:

Limitar a nossa leitura àqueles textos coincidentes com nossas crenças, ideias e opiniões é limitar desnecessariamente uma atividade cujo grande mérito é o fato de nos permitir o acesso a outros mundos, além daqueles acessíveis através da experiência direta.

A título de encerramento das discussões inerentes ao aporte interacionista da linguagem, buscando dialogar sempre com as facetas da prática de leitura, devemos salientar a importância, no ato de ler, de não limitarmos essa atividade a textos que nos convêm ser fruto de proximidade quanto aos aspectos culturais e vivenciados por nós cotidianamente, textos que nos aproximam de nossas opiniões quanto aos mais diversos contextos da sociedade, textos esses que acreditamos não possuir incongruências e limitações, e que para nós não é digno de releituras e interpretações outras, pois ao se fazer a leitura de forma semelhante a essa, somente a textos que para nós é convincente e condizente com nossa realidade social e comunicativa, faremos com que o ato de ler não seja interativo e dialógico em si, base que buscamos sempre numa leitura capaz de atentar para as possíveis ideias e pensares de um lócus aberto de interpretação mútua.

Capítulo 3 - Análise dos Dados Colhidos

Tendo sido apuradas as noções inerentes ao ensino de leitura, com as tessituras corroboradas na fundamentação do presente trabalho de pesquisa, chegamos ao ponto crucial de nossas percepções acerca da temática da prática de leitura em caráter específico da turma que foi observada, momento esse que nos possibilita tecer análises sobre as especificidades ocorridas no momento da observação, das aplicações dos questionários (alunos e docente), bem como da intervenção por parte do pesquisador face à turma.

Nossa análise se pautará aqui em três etapas primordiais para o engendramento do que aconteceram nas aulas com a turma, e como foram pautadas as nuances do ensino de leitura na referida turma. Num primeiro momento, abordamos as observações feitas pelo pesquisador deste trabalho, atenuando o que de mais relevante aconteceu no trato das metodologias inerentes ao ensino de leitura. Num segundo momento, a análise se voltou para a intervenção do pesquisador, ou seja, para as aulas que o referido indivíduo lecionou junto à turma, a fim de trazer um paralelo metodológico e/ou procedimental em relação à leitura, caracterizando como ocorreram os momentos de aula de leitura em ambos os casos. Por fim, analisamos dos três questionários escolhidos entre os aplicados tanto para os alunos quanto a docente, fechando assim nossas percepções do que realmente condiciona as aulas de leitura nas aulas de língua portuguesa, vendo as opiniões dos estudantes em face do que a docente denotou em suas resoluções concernentes às indagações propostas no questionário a ela endereçado.

Dessa forma, procuraremos no percurso da posterior análise o que de fato acontece com a leitura em se tratando de sala de aula, como está o panorama do ensino de leitura dentro dessa série relevante no ensino médio, local onde as portas se abrem para o mercado de trabalho e para a qualificação de profissionais capacitados linguisticamente falando, bem como poder tecer a respeito de possíveis problemas e deficiências no tratamento dessa importante ferramenta da língua materna, que é a leitura.

3.1 Das Observações

A partir deste momento faremos uma passagem sobre os dias de observação na turma do 3º ano do ensino médio, vendo as possibilidades de análises na interface dos procedimentos metodológicos inerentes ao ensino de leitura. Como norte analítico temos como embasamento 9 (nove) dias de aulas, que precisamente chegaram a 18 aulas observadas. Essa numeração nos proporciona uma considerável análise acerca do que aconteceu nas referidas aulas e assim traçar um panorama do trato com o ensino de leitura nas aulas de língua portuguesa.

De início, temos um dado muito interessante, e ao mesmo tempo preocupante em face de nossos alunos pertencentes à comunidade globalizada e comunicativa em si própria. Esse fato ocorreu quando da pretensão da docente em relação à discussão e debate de todo o filme que fora passado nas aulas, momento do primeiro dia de observação na turma; contudo os alunos não debatiam sobre o mesmo, então a docente toma a frente da aula e fala sobre as características principais do filme, os traços mais relevantes das personagens, o enredo e conjecturas com a realidade vivida pelos alunos.

Empreendemos ser motivo de preocupação o acontecido acima citado, do ponto de vista de que estamos vivendo uma sociedade interativa e dialógica por natureza, em que os seres participantes da esfera comunicativa precisam e devem se expressar com o fim prático de ter sustentação de ideias e de pontos de vista, entretanto os jovens alunos da referida sala, mesmo depois de terem visto aquele gênero, não expressavam suas percepções sobre o que de mais relevante nele se passou. No tocante ao dia da aula, vemos que há uma quebra de efeito de sentido ao que a docente propunha com o filme, pois ficou a cargo da mesma delinear a aula, expressando ela suas noções acerca do filme, já que os alunos não debatiam sobre o que “viram” de importante e representativo para eles.

Faz-se necessário ainda frisar nesse mesmo dia de observação na turma para com a prática de leitura sem uma finalidade específica, pois o dia de aula iniciou com leitura silenciosa de material disposto no Livro Didático, mas o que se teve foi apenas uma leitura silenciosa por parte dos alunos. Vemos como deficiência esse acontecimento, pois a leitura findou-se no teor silencioso e depois não teve uma discussão e debate sobre o que continha o material textual, nem alunos, nem docente fizeram um momento de diálogo em reflexo ao momento da leitura.

Em um posterior momento de observação com a turma, esse mesmo fato se sucedeu, após a exibição de um vídeo que tinha cunho literário, retratando do Modernismo. Depois do

vídeo acima citado, novamente a docente procurou dialogar com os alunos, mas sem êxito, ficando a cargo dela as discussões e falas sobre o vídeo mostrado.

Com isso queremos mostrar que tal ocorrido não se deu de maneira isolada em apenas um encontro com a turma, percebemos que em dois momentos subsequentes a prática do “não debater” por parte dos discentes acontece de maneira constante, e isso merece reflexão maior para na esfera educacional, pois deve-se propiciar meios mais condizentes com a realidade dos alunos, situações comunicativas e meios mais próximos aos mesmos para que a aula de leitura e da posterior interpretação não fique prejudicada como aconteceu nesses dois momentos de observação na turma em análise.

Outro fator um tanto preocupante visto em um dado momento das observações em sala se relaciona com o fato do pouco ou quase nada no tempo de aula pautado na prática/ensino de leitura, o maior tempo das aulas e da sequência didática como um todo se volta para aula de gramática, os itens normativos se prevalecem em detrimento da prática procedimental da leitura. Como exemplificação, o quarto dia de observação na turma nos possibilita falar e explanar com propriedade a respeito dessa vertente, uma vez que toda a aula se pautou em análises sintáticas de frases soltas, sem interatividade com os alunos e sem uma proposta condizente com a situacionalidade dos discentes. Com efeito, com o usufruto de meios intrinsecamente gramaticais nas aulas de língua materna, o ensino da leitura fica comprometido do ponto de vista metodológico e prático, uma vez que nossos alunos terão apenas a preocupação de resolver tais questionamentos normativos, olhando as frases apenas no teor gramatical, não vislumbrando a leitura, que se faz necessária em primeiro grau; uma leitura rica, eficaz e com finalidade específica dentro da sala de aula.

Por conseguinte, acresce-se ao que já foi exposto na presente análise o modo como a leitura é apresentada no contexto didático na turma, de maneira silenciosa, aspecto que aconteceu no segundo momento, quando da leitura de material do LD, e que novamente acontece, agora em caráter sequencial de três momentos, ou seja, em seis aulas que se sucedem, em que as aulas se fundamentam sob o escopo de um texto afim e que serve de embasamento para o restante do momento das aulas.

A partir do quinto encontro com a turma é que podemos exemplificar com exatidão essa deficiência no âmbito da prática de leitura em sala de aula, dia em que foi utilizado como texto base o poema de Drummond “o lutador”. Nessa situação, poucos alunos debatem após o momento da leitura, que, repetimos, aconteceu de forma silenciosa. No sexto encontro, essa mesma situação aconteceu novamente, agora tendo como embasamento um material textual do LD que retrata o romance de Clarice Lispector “A Hora da Estrela”, evento que podia

provocar o senso crítico dos alunos se não fosse o modo como fora trabalhada a leitura, em caráter silencioso, e como consequência não se teve êxito no momento de abrir debate com os alunos a respeito da temática que o referido texto possuía, mas depois não houve qualquer discussão sobre o que propunham as páginas do LD. Finalizando esse tripé sequencial das observações inerentes às aulas, a leitura silenciosa voltou a acontecer em meio ao texto “A Águia e a Galinha”, o que nos dá a convicção de que tal procedimento não ajuda no desenvolvimento comunicativo e interativo do aluno, já que a leitura silenciosa realmente cala o aluno perante as suas possíveis ideias e pensamentos acerca das temáticas arroladas nos variados textos que foram propostos, ela não contribui eficazmente para que o teor crítico do discente seja fortalecido e acrescido. Além do mais, atestamos aqui que o referido procedimento não foi algo que aconteceu esporadicamente, em um momento isolado, ela se deu em uma margem considerável dentro de todas as aulas observadas.

Entendemos com isso que a leitura deve ser compartilhada, em voz alta e não só de maneira silenciosa, pois esse tipo de prática leitora não proporciona aos alunos meios interativos para que o mesmo apresente seu teor participativo na sala de aula, opinando e indagando o material textual, fortalecendo assim o ensino de leitura e de língua materna como um todo.

Acresce-se a isso que a leitura compartilhada somente apareceu no sétimo encontro, mas de forma específica e esporádica, quando da anterior leitura silenciosa do texto “A Águia e a Galinha”, a docente possibilitou esse tipo de leitura na sala, pondo em evidência a leitura em voz alta, compartilhada, e dessa maneira mais interativa. Evidenciando então que a leitura silenciosa não ajuda no desenvolvimento crítico-participativo do aluno, queremos dizer que a leitura compartilhada deve acontecer de maneira mais abrangente e constante, não sendo um caso particular de uma ou outra aula, mas que ela deve prevalecer em detrimento da leitura silenciosa, que atestamos nessa pesquisa ser majoritário em face da leitura em voz alta.

Em dois encontros subsequentes, mais precisamente nos encontros oito e nove, a característica que nos chama a atenção mais uma vez para esse momento analítico é em relação ao maior tempo dedicado em sala para apreciações estritamente gramaticais/normativas, ou seja, as aulas são puramente de gramática, sem dedicação e/ou preocupação com essencialidades do ensino de leitura, momentos de se compartilhar a leitura, dedicar tempo a interpretações e opiniões por parte dos discentes.

Como atestamos em análises anteriores, os referidos dias de aula serviram para análise sintática de frases, que outrora eram cinco frases, e agora passaram para dez itens, e desta feita com objetivação de nota bimestral. Além do mais, tal atividade que seria individual e

sem pesquisa com peso 10,00 passou a ser em duplas e com consulta e peso 7,00, tudo isso por insistência dos alunos. O outro encontro foi direcionado especificamente a atividade de reavaliação da referida atividade feita no encontro passado.

Ao término dessa primeira etapa de análises, chegamos ao último dia de observação empreendida pelo pesquisador, em que podemos tecer alguns comentários sobre o que ocorreu dentro do ideário da temática abordada no presente trabalho monográfico, que se volta para as acepções sobre os procedimentos de leitura em nossas aulas de língua, baseados na turma que foi estudada. Vejamos:

O filme “A Hora da Estrela” que teve exibição de uma primeira parte no encontro de número seis, teve a exibição da parte final apenas neste último encontro (décimo), praticamente um mês depois da primeira parte ser vista aos olhos dos discentes. Mais uma limitação no trato da leitura do filme é evidenciada com esse aspecto, pois poderia ser feita pelos alunos depois da exibição do material uma análise, uma interpretação plausível e pertinente para o contexto escolar, mas isso não acontece justamente por essa disparidade de tempo que houve entre uma parte e a outra do filme. Exemplificando esse item, vimos após o filme que praticamente não houve uma discussão salutar dos alunos e da docente, justamente por essa diferença de tempo na exibição do filme. A leitura, podemos assim denominar, do filme não acontece e a aula mais uma vez fica comprometida no seu ideal e na sua finalidade.

Apenas para melhor explicar sobre tal acontecimento, ficou atestado nas aulas desse encontro que apenas um aluno comentou de maneira eficaz as ações e passagens do filme. Isso nos mostra que a exibição de filme, de vídeos, documentários, entre outros, deve ser pensando de maneira atenciosa, observando a finalidade e propositura que tais gêneros podem proporcionar no ambiente escolar. Somente com atenção e cuidado na hora de formatar aulas de interpretação e de leitura, pois dessa forma nossos alunos serão melhor capacitados comunicativamente em face de nossa língua, para que suas esferas da língua materna sejam fortalecidas em cada ser pensante, participativo e que interage cotidianamente.

3.2 Da Intervenção

Colocando em evidencia nossas abordagens analíticas para este item, chegamos ao momento da intervenção do pesquisador na turma, isto é, foi o dia em que o observador passou a atuar dentro da turma como docente através de duas aulas embasadas no teor interativo, fundamento teórico este que norteia o presente trabalho monográfico. A partir destas duas aulas, faremos então comentários sobre procedimentos, metodologias e ações inerentes à prática de leitura na turma pesquisada.

O primeiro aspecto que deve ser salientado é quando do aparato metodológico que foi utilizado para a sequência das duas aulas, ou seja, a temática proposta para debate e estudo no momento da intervenção; assunto que se volta para questionamentos acerca da língua falada versus língua escrita, mais precisamente as distinções e semelhanças que rodeiam a oralidade e a escrita no âmbito escolar, mas também social e comunicativo. Vemos como sendo um ponto positivo para a resolução das aulas pelo fato de ser um assunto que irá chamar a atenção dos discentes, por ser algo que esteja próximo da vivência dos mesmos, o referido assunto proporcionou um debate maior, pois o viés participativo e reflexivo que a temática propunha condizia com a realidade vivida pelos alunos. Sendo assim, a vontade de participar e deixar suas opiniões puderam ser vistas com mais eloquência e eficácia para o contexto educacional do momento de aula.

Com efeito, a escolha por esse tema foi pertinente não apenas do ponto de vista metodológico e didático, mas também sob a ótica da criticidade e do teor participativo por parte dos alunos, pois quando uma temática escolar tem fundamento com a vivacidade do sujeito-aprendiz, quando o conhecimento prévio por ele adquirido, a aula torna-se mais atrativa e com finalidade alcançada com maior eficiência por parte do docente.

No que diz respeito à leitura, nosso primeiro fator, que tanto “martelamos” no item anterior, que nos remete à leitura silenciosa que ocorreu em caráter constante no momento de observação foi alvo de modificação quando da intervenção. O tipo de leitura a ser utilizada foi justamente a leitura em voz alta e também no viés compartilhado entre os discentes ali presentes. Para a introdução das abordagens inerentes ao tema, foi proposta a leitura de trechos poéticos com dois poemas de Oswald de Andrade (vício na fala e pronominais) e de uma canção de Luiz Gonzaga (Samarica Parteira), eventos comunicativos que põem em evidencia as essencialidades entre oralidade e escrita. Empreendemos com a leitura desse material em voz alta e dividido entre os alunos, a aula teve um melhor direcionamento para as futuras discussões sobre o que caracteriza a oralidade e a escrita, ou seja, os alunos ao lerem

em voz alta entendiam melhor os contextos enunciativos e funcionais dos materiais textuais a eles dispostos. E como consequência acontecia de maneira mais efetiva a participação de cada discente na hora de deixar seu posicionamento crítico sobre o que recebeu através da leitura dos textos e da música.

Foi através da leitura compartilhada e em voz alta que a criticidade aconteceu de forma mais presente no percurso das falas dos alunos, e assim entendendo melhor o propósito da aula e da temática abordada.

Queremos com isso chegar a uma conclusão um tanto importante no trato da prática de leitura: o tipo de exibição e/ou formatação da leitura no âmbito escolar deve se prevalecer como a leitura compartilhada em detrimento assim da menor aparição de leituras silenciosas no momento de recepção do material textual por parte dos alunos, uma vez que percebemos que a leitura silenciosa em quase nada contribui para o fortalecimento da participação dos discentes em debates após a leitura dos textos, sejam eles quais forem. Não queremos com isso dizer que se acabe a leitura silenciosa no contexto escolar, antes temos a pretensão de que a leitura em voz alta seja mais praticada no cotidiano das aulas de língua portuguesa e que o tipo de leitura em voz baixa apareça somente em casos esporádicos e quando necessários forem.

Trazendo outro aspecto salutar na análise enquanto momento de intervenção, fora o proceder das aulas depois da discussão dos trechos poéticos e da canção, instante esse em que os alunos debateram de forma mais eficaz os aportes comunicativos, intencionalidade e proposituras dos materiais textuais, isto é, o assunto tornou-se agradável na sala e, por conseguinte os estudantes tinham mais aptidão para se expressar, fomentando uma aula mais dinâmica e interativa por natureza. Depois desse debate em relação às disparidades e aproximações entre a oralidade e a escrita, o foco da aula delineou-se para as acepções do que realmente é leitura, o que condiciona uma leitura face ao contexto atual de comunicabilidade. Daqui tiraremos mais contextos analíticos que passamos a caracterizar.

O tema que foi explicitado ao longo desta pesquisa acadêmica tem seu ápice na aula a partir do momento que começamos a delinear acima, quando das condicionalidades impetradas ao ensino de leitura. Após a leitura dos trechos dos poemas e da canção, a aula pôde se direcionar para o que os alunos conseguiam enxergar sobre o que é leitura, como se faz sua prática, bem como se ensino dentro do arcabouço didático.

Com efeito, embasados com toda a leitura e os conhecimentos prévios dos alunos, os mesmos explicitaram de forma mais abrangente as noções acerca do tema leitura; eles abriram em consonância maior as visões de uma leitura crítica, uma leitura participativa, eles

expressavam que a leitura é algo que vai além da decodificação e de uma simplória interpretação afim, mas que a leitura “*é um ato de conhecimento*”, é uma vivência comunicativa e interativa em meio aos suportes atuais de exibição de textos, de gêneros os mais diversos, músicas, poemas, manchetes, enfim, textos que estão cotidianamente próximos à vida dos discentes.

Vimos assim que através de leituras interativas, dialógicas por natureza, os alunos explicitavam com mais propriedade sobre as temáticas arroladas à língua portuguesa; e como fundamento maior para os docentes, as aulas se delineavam com uma maior finalidade e sua sequência enquanto arcabouço didático acontecia com maior afinidade.

Em torno destas duas aulas, o pesquisador mostrou algumas imagens interativas sobre as quatro dimensões na língua em face da linguagem, que são: historicidade, semanticidade, criatividade e alteridade. O uso dessas explicações se deve ao fato de evidenciar nos alunos as nuances que favorecem o trabalho com a leitura em nível escolar e em sociedade, já que estes estão de saída de um ciclo da vida e estão aptos a ingressar no mercado de trabalho e na vida interacional, e precisam de meios que propiciem melhores condições de análises de diversificadas leituras.

Ao fim desta etapa analítica e olhando sob a ótica acima mencionada, quando da finalização da aula com a evidência das quatro dimensões da linguagem, percebemos que os alunos ainda possuíam algumas deficiências interpretativas sobre os efeitos de sentido que a palavra leitura acarreta, uma vez que o pesquisador utilizava-se de imagens que mantinham relação com as dimensões linguísticas a fim de abranger nos alunos a percepção de tais aspectos da língua materna, para assim fechar o ciclo de estudos naquelas aulas. O intuito era conciliar conceituação das dimensões com imagens que se interligavam com a referida concepção, para que através da exibição deste material os alunos trouxessem seus entendimentos sobre a imagem vista, afinal analisar e entender uma imagem também é leitura, mas mesmo assim alguns alunos ainda não percebiam o sentido que a aula propunha. Outros, porém conseguiram ver e entender o que o tipo de ensino de leitura favorecia nas aulas, e assim contribuíram eficazmente com noções relevantes no trato das imagens usadas, principalmente da conceituação e funcionalidade que as quatro dimensões detinham.

3.3 Dos Questionários Aplicados (ALUNOS E DOCENTE)

A fim de obtermos um estudo específico sobre toda a temática debatida ao longo deste trabalho, passaremos a tecer algumas análises sobre as conjunturas vistas nas resoluções empreendidas nos questionários propostos aos alunos e também a docente da turma, que denominaremos colaboradores, com o intuito de preservar o senso crítico e participativo de cada indivíduo que fora utilizado como fonte de pesquisa, bem como serão analisadas as aulas observadas no decorrer da sequência das aulas e ainda as aulas ministradas pelo pesquisador. Todas essas análises serão esclarecedoras no tocante aos postulados teoricamente vistos no decorrer deste trabalho, com o objetivo de evidenciar possíveis incongruências, limitações e pontos positivos que rodeiam a base do ensino de leitura através deste estudo de caso e que tenha reflexo nas salas de aula de nosso país.

Como norte de fundamentação das análises teremos dois questionários para os alunos, a saber: um questionário (1) aplicado nas observações das aulas que a docente ministrara, com perguntas gerais sobre leitura, sua conceituação, conhecimentos prévios dos discentes sobre este ensino, o modo como ela é trabalhada no contexto escolar, expectativas, dentre outros; e um questionário (2) aplicado após as aulas ministradas pelo pesquisador deste trabalho, a fim de fazer contrapontos, semelhanças, diferenças no cerne das aulas da docente e seu trato com a leitura em detrimento das aulas do pesquisador. As análises se fundem ainda com um questionário aplicado à professora da turma, para que, nessa relação haja possíveis diálogos com as respostas dos alunos e da docente, vendo as opiniões postas e elucidando assim o que de fato acontece no meio escolar e o trabalho que é dirigido à leitura.

3.3.1 QUESTIONÁRIO I (Alunos)

Iniciando nosso momento analítico teceremos sobre o primeiro questionário endereçado aos alunos da 3ª série em nível médio, com o intuito de esboçar as primeiras nuances que cercam as conjunturas das práticas leitoras no cotidiano escolar dos discentes, evidenciando pontos positivos, limitações e possíveis sugestões no trato do ensino do ato de ler. O presente questionário, que contém nove indagações, foi aplicado com todos os 25 (vinte e cinco) alunos, mas para fins de análise, escolhemos cinco que possam nortear o senso crítico de toda a turma em face da vida educacional perante a leitura.

Apreciemos o que os cinco alunos explicitaram na primeira questão, que indaga sobre a conceituação de leitura:

Quadro 1 (Questão I, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“Leitura é tudo aquilo que se pode ler.”</i>	<i>“É uma maneira de se entender o que está escrito.”</i>	<i>“Leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender as coisas.”</i>	<i>“É um tipo de conhecimento no qual possamos imaginar emocionar e interagir, ou seja, como uma viagem.”</i>	<i>“Leitura é buscar conhecimentos, a partir de livros, revistas.”</i>

Notamos que o primeiro colaborador trouxe de maneira vaga a sua conceituação sobre leitura, sendo superficial a sua noção de que leitura são todas as coisas que se podem ler, mas mesmo sabendo que tudo no mundo é leitura, o aluno não especificou como isso acontece, quais as essências que tornam algo ou alguma coisa uma leitura.

As resoluções dos colaboradores 2 e 5 possuem caracterizações semelhantes; um complementa a visão do outro de que ler é entender o que está disposto na escrita, sendo ainda nós estamos em interação, com o objetivo de se conseguir conhecimentos afins, através de variados suportes, tais como livros e revistas. Para nós essa conceituação se torna mais eficiente do que a noção empreendida no colaborador 1.

Contudo a conceituação que mais nos chama a atenção é a resposta do colaborador 3, quando esboça uma ampla e concreta visão do que se reluz na prática leitora, sendo, em suas

palavras “*um ato de conhecimento*”; verdadeiramente a leitura se organiza e se fundamenta através de ato constitutivo de dinamicidade e interatividade em seu ensino, é antes de tudo um ato dialógico e permanente na compreensão e percepção das conjecturas extralinguísticas, das conjunturas comunicativas e sociais. O referido colaborador usou de relevante conceituação para tratar da concepção de leitura, e isso é um ponto positivo, visto que o mesmo tem em si uma ampla visão de como acontece a prática e o ensino da leitura, tendo menos dificuldade de interpretação no ato da leitura.

O quarto colaborador também se posiciona em semelhança com o colaborador 3, pois este percebe a atividade de leitura como sendo uma construção interativa do ser humano, um ato que emociona, que dá margem para o prazer, uma leitura viva e com realidade dentro do eu interacional. Com isso, a conceituação do referido colaborador, para nossa abordagem se torna essencial para dizer que ler é um constructo da ludicidade e da interatividade.

A segunda questão reflete os tipos de leitura inerentes à vivência dos alunos, e dessa indagação pode se trazer mais abordagens empíricas, vejamos:

Quadro 2 (Questão II, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“Leitura visual é aquela que é através de desconhecido.”</i>	<i>“Visual, labial, oral, compartilhada e silenciosa.”</i>	<i>“Leitura visual: ao qual conseguimos interpretar, pelo que vemos; não visual: a partir do que lemos sem imagens.”</i>	<i>“Textual, informativa, expressiva.”</i>	<i>“Visual, oral. Visual é aquela que você consegue lê a partir da visão. Oral é a que nós mais usamos, lendo livros, revistas.”</i>

No quadro acima percebemos que os colaboradores se voltam para a leitura enquanto tipo visual, sendo unânimes em enumerar que a leitura mais usada é justamente a visual, a que está visível a olho nu, sendo mais fácil para interpretar, pelo fato de estar mais claro no desenvolvimento da criticidade e compreensão, voltando-se para o viés intrinsecamente textual, a materialidade do texto, a expressão e a informação.

Outro tipo de leitura predominante é a oral, sendo uma das mais utilizadas no cotidiano escolar, ou seja, é a prática leitora mais usada nos procedimentos didáticos, sendo,

portanto a mais conhecida dos alunos, aparecendo na forma silenciosa e compartilhada, esta última pouco utilizada. Esse fator de pouco uso da leitura enquanto compartilhada tira do aluno a altivez na efetiva prática processual de ler, o silêncio realmente “cala” o aluno, não favorecendo um ensino condizente com os conhecimentos diversos que os estudantes têm da sua sociedade.

Analisemos, pois a terceira questão, que tem como norte a diferença entre a leitura tradicional e a leitura interacionista:

Quadro 3 (Questão 3, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<p><i>“Leitura tradicional: ela serve apenas para ler as palavras. Interacionista: para que as pessoas leiam a palavras e que sentido ela tem.”</i></p>	<p><i>“A leitura tradicional é mais simples e a interativa mais complexa.”</i></p>	<p><i>“A forma como você interage com o que ler.”</i></p>	<p><i>“A interativa é aquela que nos envolve na leitura, tradicional aquela leitura que lemos, mas não tem vontade de continuar.”</i></p>	<p><i>“porque ‘interagem’ o assunto de uma forma melhor.”</i></p>

A resposta que nos chama atenção nesse interim é a do colaborador 3, mesmo não norteando a fundo a diferenciação dos dois tipos de leitura, foi a que mais trouxe embasamento sobre as possíveis divergências entre a leitura dita tradicional da interativa; o que é interessante na resolução é o aspecto da interação com o que se lê, pois somos sabedores que o viés tradicional é muito fechado e pronto quando se trata de interpretação, tornando o leitor passivo de noções outras que possam surgir no ato da leitura, na interação o sujeito leitor é capaz de conciliar material textual com os conhecimentos adquiridos por ele/ela ao longo do tempo, trazendo marcas de intertextualidade, de convergências com o seu cotidiano social e comunicativo, fazendo com que a leitura se torne solta e viva, dinâmica por si só.

Nas falas dos outros quatro colaboradores, notamos semelhanças de ideais, fomentando a leitura tradicional enquanto modelo simples de ação da língua, sendo a própria leitura da palavra puramente pela palavra, não envolvendo os sujeitos na continuação dela, já

a leitura interativa é vista como sendo a mais complexa, que dá sentido ao que se lê, envolvendo a aluno-leitor as nuances que melhorar a aquisição e desenvolvimento do ato de leitura.

A próxima questão ressalta o hábito de leitura dos pesquisados, o que de mais importante eles leem no dia a dia, não apenas na escola, mas no cotidiano social:

Quadro 4 (Questão 4, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“Jornal, revistas, etc.”</i>	<i>“Livros de sagas, revistas, gibis e etc”.</i>	<i>“Postagens do facebook, do twitter, do tumbler, sempre tenho um livro de cabeceira.”</i>	<i>“Mensagens, livro.”</i>	<i>“Jornal.”</i>

Quando se fala em hábito de leitura, notamos, por se tratar de jovens, que a leitura mais presente nos estudantes se perpetua através de meios tecnológicos da atualidade, marca que ficou evidente no colaborador 3, pondo em evidência que o mesmo se utiliza de leituras das redes sociais com frequência, por ser uma leitura dinâmica, rotativa e fluida, mais condizente com a massa juvenil da contemporaneidade.

Contudo, devemos salientar até que ponto esse tipo de leitura é benéfico para o alunado, para a vivência processual do ato de ler, para o pleno desenvolvimento crítico e participativo dos estudantes, devemos ter em mente que nem todas as vezes esse tipo de leitura é o mais necessário para os alunos, pois a leitura de livros, de manchetes e outros devem estar em comunhão com a vida leitora dos aprendizes, ou seja, não devemos abandonar a leitura de redes sociais e semelhantes, bem a leitura de livros e suportes parecidos, o certo mesmo é usufruir dos dois tipos de leitura de acordo com suas funcionalidades e necessidades específicas dos alunos que vivem e interagem social e culturalmente falando

Afora o colaborador acima mencionado, o terceiro nessa etapa de pesquisa, os demais trouxeram como hábito de leitura os suportes revistas, jornais, bem como livros, itens outrora de leitura tradicional, mas que não muito distante tem conotação interativa, por se tratar de suportes que podem marcar dinamicidade e dialogicidade aos aspectos comunicativos e interpretativos dos discentes. Queremos com isso denotar que a velha, porém relevante leitura de livros, de revistas da atualidade, dos jornais podem se transformar em importantes meios

de desenvolvimento da linguagem face aos fatores da língua portuguesa como um todo, e porque não dizer das nossas aulas de língua materna.

A quinta questão ressalta a visão dos alunos perante a metodologia usada pelo docente no tratamento do ensino da leitura, se satisfaz as necessidades educacional e comunicativa dos mesmos:

Quadro 5 (Questão 5, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“Sim: porque eles mostram que devemos ler para que possamos interpretar um texto para que outras pessoas possam ler e entender.”</i>	<i>“Sim, é satisfatório.”</i>	<i>“Cansativo e antigo. Não. Pois muitos não se veem interessados no que se está lendo.”</i>	<i>“Os professores incentivam nós alunos a ler em sala e indica livros. ‘pra’ alguns alunos sim, pois muitos não gostam de ler.”</i>	<i>“De maneira formal. Sim, porque os alunos podem aprender de uma forma mais detalhada.”</i>

Nas assertivas mencionadas acima, delineamos no primeiro colaborador a percepção de que o tipo de procedimento utilizado pelo professor se dá de forma positiva, sendo, na visão do mesmo satisfatório o tratamento da leitura em sala de aula, corroborando para que o estudante possa interpretar com constância de ideias os materiais textuais. Esse dado é acentuado nos colaboradores 2, 4 e 5, quando reforçam a marca positiva do ensino de leitura face ao método educacional pelo docente utilizado, apreendendo de forma mais detalhada e abrangente a prática leitora.

Apenas o terceiro colaborador se prostrou contrário aos demais colegas, evidenciando que o ensino de leitura se encontra defasado e normativo, sendo um método ultrapassado e que dificulta o desenvolvimento leitor dos alunos.

Como consequência dessa metodologia na ação didática da leitura, o aluno fica desestimulado perante o que lhe é posto de material textual, fomentando uma má conjuntura escolar quando se trata de uma leitura que se quer efetiva, que de fato condicione um aluno participativo e crítico perante a sua vivência, escolar e humana. Analisando, pois essa visão do colaborador, queremos dizer que o ensino de leitura não pode acontecer de maneira difusa ou sem nexos com o contexto do aluno, não pode ser cansativa e ultrapassada, deve antes ser

fonte de pesquisa e de embasamento coeso com as funcionalidades e finalidades dos sujeitos participantes, com a pretensão maior de formar cidadãos interpretativos por natureza.

A próxima questão, a sexta de nosso questionário, revela um pouco dos anseios e necessidades dos alunos no contexto dos exames vestibulares, observando o preparo para a submissão de tais testes:

Quadro 6(Questão 6, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“Sim. Pois a professora trabalha a leitura para que possamos entender.”</i>	<i>“Estamos mais ou menos preparados.”</i>	<i>“Muito apreensivos e nervosos. Sim.”</i>	<i>“Muitos professores ajudam com alguns assuntos sobre o vestibular. Não, pois deveria haver mais incentivo.”</i>	<i>“Vejo que a turma está preparada. Sim, porque vejo que a turma se interessa em tudo que o professor passa.”</i>

Dois dos cinco colaboradores explicitaram que a turma está preparada para se submeter aos exames vestibulares, que são respectivamente os colaboradores 1 e 5; o primeiro defende sua ideia dizendo que a preparação se deu por conta da docente, que trouxe em seus conteúdos programáticos momentos de estudo de leitura fundamentados nas possíveis indagações dos exames, afirmando ter sido de forma benéfica a prática de leitura para que os alunos pudessem chegar sem muitas complicações no momento do vestibular.

Já o quinto foi mais além, delineando que a turma está preparada em virtude do comprometimento dos alunos, partindo da premissa do interesse dos mesmos em efetivar uma boa prática de leitura para que não tenham problemas na recepção das avaliações dos exames, isto é, os alunos se interessavam no dia a dia escolar quando se tinha tempo reservado ao ensino da leitura, aproveitando todos os postulados e assim acrescentando e melhorando as noções de prática leitora que são utilizados nos variados exames vestibulares.

Em posição contrária ficaram os colaboradores 2, 3 e 4. Estes mostraram em suas respostas que a turma não se encontrava totalmente preparada para prestar os vestibulares futuros, ora mais ou menos preparada, deixando os sujeitos meio confusos e nervosos. Tudo isto em virtude principalmente da ausência de incentivo do docente, fato que está implícito no

quarto colaborador, ou seja, haveria de se ter uma melhor condicionalidade de incentivar os discentes de como a ação de ler é utilizada nos exames, situação que acontece de forma diferente do cotidiano escolar, nas avaliações; já que o modo como a leitura é tratada se difere do conteúdo discursivo que os vestibulares possuem.

Com isso notamos uma disparidade nas respostas dos alunos, alguns denotam que a turma está preparada e que o docente trouxe meios favoráveis para tal procedimento, e outros caracterizaram que não estavam preparados, em virtude da ineficiência no tratamento com a leitura semelhante à utilizada nos vestibulares. Delineamos que as inadequações e deficiências ocorrem em ambos os lados, pois as carências estão presentes na didática do docente, que precisam se engajar na metodologia de leitura usada nos vestibulares, bem como os alunos devem se interessar mais pela leitura, pois muitos não buscam ler, sentem ausência de vontade de praticar esse ato bastante importante como é a leitura.

A sétima questão trabalha com os alunos a maneira como a leitura é usada nos vestibulares, e essa é a conjuntura maior que indaga os alunos sobre a facilidade ou não do tratamento da leitura nos exames de vestibular:

Quadro 7 (Questão 7, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“O entendimento era muito difícil, devido o número de questões, e os textos eram um pouco grande.”</i>	<i>“Sim, embora a leitura seja muito extensa, é de fácil entendimento para mim.”</i>	<i>“Estressante, pois é muita leitura. As vezes sim outras não, alguns textos se estendem um pouco dificultando a compreensão.”</i>	<i>“É tratada bem, os professores sempre envolvem ‘agente’ em leituras, sim porque é bem explicada.”</i>	<i>“É muito burocrática. Não, porque os textos são muito extensos e no decorrer do tempo não tem como fazer com tranquilidade.”</i>

No quadro acima percebemos o quão ainda é complexo o modelo de leitura usado nos exames vestibulares, a prova maior está na vivência que os colaboradores 1, 3 e 5 tiveram ao se deparar com tal suporte, evidenciando que a metodologia usada é dificultosa pelo fato de ser extensa mediante o procedimento de um vestibular, bem como o número de questões não favoreciam uma boa prova, pelo fato de ser em grande quantidade, além de ser extenso os

enunciados por questionamento. Como consequência, a leitura torna-se enfadonha e estressante, fazendo com que o aluno não tenha bom aproveitamento na avaliação.

Por sua vez, os colaboradores 2 e 4 esboçaram posicionamento diferente, acentuando que a leitura é de fácil entendimento, não sendo complexa a sua compreensão e a consequente resolução dos excertos, além de caracterizar que previamente a docente trouxe métodos que facilitaram uma considerável resolução das atividades inerentes aos exames. Apenas o segundo colaborador fez uma ressalva quanto à extensão das assertivas, mas mesmo assim o entendimento dos enunciados não era prejudicado.

Vemos aqui que a grande questão se volta não somente para a quantidade exacerbada de enunciados nas indagações, mas sim os valores interpretativos que tais enunciados possuem; em alguns casos as perguntas dos exames vestibulares não possuem nexo com a carga leitora dos alunos, não pela larga carga de leitura, mas pelo elo interpretativo que se estrutura uma determinada pergunta, isso dificulta a compreensão do estudante porque ele não está apto a fazer as interligações precisas no tocante ao conjunto semântico, coesivo, dentre outros que os itens textuais e extralinguísticos delineiam na propositura dos questionamentos. O interessante a se fazer e poder provocar os alunos com textos interligados com imagens, textos do cotidiano do estudante, de sua vivência, para que o pleno funcionamento dos vestibulares tenha base de sustentação na aquisição da leitura e dos momentos de resoluções de questões.

A oitava questão reflete com os alunos pesquisados a maneira como é direcionado o tipo de leitura na escola em meio ao contexto atual de vivência dos discentes. Dessa indagação e a partir das respostas dos referidos alunos extraímos mais alguns conceitos chaves para nosso período analítico:

Quadro 8 (Questão 8, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“Sim.”</i>	<i>“Nem sempre.”</i>	<i>“Não. A escola poderia adotar novos métodos ao qual o aluno se interesse pelo ato de ler.”</i>	<i>“Não. Deveria atualizar e buscar textos que despertem nosso conhecimento.”</i>	<i>“Não. Porque os alunos não querem aprender, por causa de livros com assuntos que não interessam.”</i>

Começamos refletindo a resposta do primeiro colaborador, que aqui vemos como um tanto sucinta, apenas com a marca do “*sim*”, sem nenhum momento de interpretação específica sobre a referida resposta, em que notamos uma enorme deficiência, por se tratar de um aluno de 3º ano do Ensino Médio.

É complicado pensar em um aluno prestes a ingressar em universidades e no mercado de trabalho sem nenhum esboço de interpretação e o mesmo deixa uma noção vaga em sua resposta quando o mesmo é indagado sobre o que entende da maneira como a leitura é trabalhada em sala de aula na contemporaneidade.

Situação semelhante ocorre com o segundo colaborador, na sua marca “*nem sempre*”, pois pela presença dessa essência textual, qualquer indivíduo teria que explicar o porquê de sua posição, fato que não acontece na estruturação da resposta do colaborador mencionado. Notamos então a limitação interpretativa em ambos os casos, o que condiciona aqui uma deficiência de carga leitora das referidas pessoas.

A nona e última questão ressalta quais são as dificuldades que os alunos ainda possuem na interface do hábito diário de leitura, e nela fechamos nossas conceituações nesse primeiro item analítico, com a pretensão de ter aberto um leque de considerações sobre o que de fato condiciona a ação leitora no cotidiano educacional dos alunos, intermediado sempre pela atividade do docente, da escola e do sistema pedagógico como um todo:

Quadro 9 (Questão 9, Questionário I)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborador 3	Colaborador 4	Colaborador 5
<i>“A forma de interpretação, principalmente na hora de introduzir texto.”</i>	<i>“Normalmente entender o que se é passado nos livros didáticos.”</i>	<i>“Preguiça, falta de interesse e estímulo, etc.”</i>	<i>“Entender poemas, principalmente os modernistas.”</i>	<i>“Porque não gosto de livros, por causa da extensão do livro e do assunto.”</i>

O primeiro colaborador nos direciona para a noção da deficiência em meio ao grau interpretativo que uma determinada leitura acarreta e/ou proporciona no momento de sua ação, em que os alunos sentem uma complicação considerável no tocante ao ensino da leitura no contexto escolar, e como consequência a má formação de um sujeito crítico na hora de produzir noções embasadas sobre as diversas materialidades textuais, discursivas e áreas afins, ou até mesmo na produção de uma escrita.

O segundo colaborador põe em evidência a questão do material disposto nos livros didáticos, pois em sua visão é um tanto dificultoso o que é proposto nos itens programáticos de tal suporte. Com efeito, a escola deve se desgarrar um pouco do que postula os LD's, devendo ver o que nele é proveitoso e condizente com a realidade dos discentes e relacionar com os conhecimentos advindos dos alunos, da sua vivência familiar, social e comunitária, fortalecendo assim o ensino de leitura no ideário educacional de nossas aulas de língua portuguesa.

Por fim, um fato peculiar, mas não desconhecido por nós, pesquisadores da área focalizada ao longo deste trabalho monográfico é o desinteresse do aluno em ler, como bem trouxe o colaborador 3, *“preguiça...”*; e o quinto colaborador *“não gosto de livros, por causa da extensão”*.

Esse fato é importante pelo fato de notarmos que dois aspectos são preponderantes para a ausência de carga leitora dos estudantes; o primeiro se relaciona ao desapego propriamente dito pelo ato de ler, o sujeito aluno não tem a vontade necessária de ler algo, e ler com eficácia, com finalidade. Falta ainda em nossos alunos essa faceta da vontade de ler e ler com objetivação específica. O outro fato arrolado se respalda no uso que a escola faz do livro didático, com suas múltiplas conjunturas, que por vezes em nada acrescenta na vida escolar e social dos alunos, sem qualquer interatividade com a leitura dinâmica, fluida e interativa.

3.3.2 QUESTIONÁRIO II (Alunos)

O questionário II, endereçado aos alunos possui quatro indagações em caráter comparativo ao método com é praticado o ensino de leitura em detrimento das aulas dadas pelo pesquisador, a fim de provocar e refletir sobre possíveis divergências, diferenças, semelhanças, tanto no trato como o professor provoca e sensibiliza a prática de leitura, quanto ao método usado em ambos os casos.

As perguntas não visam, vale salientar, se a professora ensina inadequadamente o ensino de leitura ou se ela falha. Nossa intenção é analisar o sistema educacional como um todo, não apenas o método que a professora usa, e se este está “errado” e o meio do pesquisador está “correto”. É objetivo nosso propor subsídios eficientes no tratamento de uma leitura participativa, crítica e mais interpretativa por parte dos alunos e que isso reflita sempre em metodologias eficientes e dialógicas com o alunado de hoje. Vale salientar que o referido questionário foi aplicado a apenas quatro alunos selecionados dentro da turma.

A primeira indagação, que versa sobre a metodologia utilizada pelo pesquisador face aos procedimentos da prática de leitura, nos deixa bastante esperançosos na intenção de que o viés interativo provoca uma maior sensibilidade nos discentes no que tange a necessidade de se buscar uma abrangência na ação de ler e ler com eficácia de interpretações e em uma ampla visão de comunicação que a leitura proporciona. A seguir vejamos o quadro com as respectivas respostas dos colaboradores:

Quadro 10 (Questão 01,questionário II)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborados 3	Colaborador 4
<i>“As aulas ‘dada’ por ele ‘é’ bem interativa fazendo com que não seja chata e deu pra compreender bem o ensino da leitura.”</i>	<i>“Muito interativa, que com a leitura a pessoa vai longe, só que eu não costumo ler vou começar agora com as aulas do pesquisador e isso aprendi com ele.”</i>	<i>“Foram boas aulas, onde o mesmo busca ensinar com facilidade, e fazer com que os alunos foquem na aula e principalmente busquem praticar diariamente a questão da leitura.”</i>	<i>“Bem explicativa com bastante leitura e exercícios. Explicou como devemos interpretar um texto, quais pontos observar e que devemos ler várias vezes para melhor entendimento.”</i>

A palavra interação ficou bastante amarrada nos alunos, uma vez que os colaboradores 1 e 2 deixaram presentes essa marca em suas falas, atentando para o fato de que ler requer realmente interatividade, deixando de lado questões puramente interpretativas na superficialidade do texto, do autor; pois ler vai além disso, e a interação é ponto preponderante para a aplicabilidade de uma prática leitora motivadora e expressiva.

Outra essência vista na resposta dos colaboradores nesta questão é quando da pouca prática de leitura que os alunos ainda possuem, pois nas palavras do colaborador 3 o mesmo não detinha de uma ação leitora no seu cotidiano, escolar e social, somente com a leitura no caráter interativo foi que o colaborador explicitou que começaria a ter em sua vida a prática de leitura de forma mais constante, isso para nós ainda se trata de uma deficiência gigantesca.

No colaborador 4, outro dado é interessante para a ampliação das noções do ensino de leitura pautado na reflexão de ler um determinado texto, um discurso, uma música, dentre outros em variadas vezes. Para nosso entendimento, isso associa-se a questão da escrita e reescrita de textos, partindo da premissa de que escrever requer não apenas uma escrita única e pronta e não merecedora de modificações e aprimoramentos. Com isso queremos chegar a conclusão de que ler também se fundamenta nessa faceta, não se pode ler algo e dizer que já se tem um entendimento, um panorama. Para esse colaborador, a aula foi relevante pois proporcionou a caracterização de uma leitura viva, constante, e em muitas leituras, não somente um ato de ler.

Partindo para a segunda questão, que se relaciona com o grau comparativo da metodologia usada pela docente da turma nos momentos de observação com o dia de intervenção do pesquisador, salientando que não é a diferença de didática entre os dois, mas a questão da metodologia usada face ao ensino de leitura, pois nosso intuito com essa questão não é tecer críticas sobre procedimento, mas é uma busca por melhores postulados sobre o que condiciona a prática de leitura com os alunos.

Quadro 11 (Questão 02,questionário II)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborados 3	Colaborador 4
<i>“Bem diferente das aulas dada pela professora, pois com ele deu pra compreender melhor a leitura, a qual a professora não soube repassar para os alunos.”</i>	<i>“É por causa que ele deixa com que os alunos se interaja e a professora não deixa, ele pede para o aluno ler e ela não pede, ler só.”</i>	<i>“Cada professor tem seu método de ensino, mas por ensinar a mesma disciplina que minha atual professora, quase não há nada de diferente, pois eles ensinam os principais pontos da disciplina e sempre incentivando a leitura.”</i>	<i>“Bem, as aulas do pesquisador eram muito bem elaboradas, só que me sentia mais a vontade nas da professora, não pelo fato dela ser melhor que ele e sim porque já era minha professora e tinha intimidade com ela.”</i>

Notamos algumas convergências, mas também divergências nas respostas dos alunos na referida questão. As semelhanças nas respostas se dão com os colaboradores 1 e 2, quando explicitam que a dinâmica do pesquisador se deu de forma mais eficaz na aula de língua portuguesa do que as aulas ministradas pela professora, mais especificamente no trato com as metodologias usadas para o ensino de leitura; os mesmos empreenderam que as aulas da intervenção do pesquisador proporcionaram uma ampliação no que diz respeito a compreensão do ato de ler, fazendo com que os discentes pudessem interagir no cotidiano escolar, esboçando seus conhecimentos adquiridos.

Nas respostas destes colaboradores, o aluno deve ser agente ativo no ideário do ambiente escolar no momento da aula, mostrando ainda a importância da interação professor-aluno na ambiência das discussões e abordagens dos temas inerentes à leitura. É justamente essa dialogicidade que acarreta uma aula mais atrativa e mais condizente com a realidade dos alunos.

Na resolução do colaborador 3, notamos uma divergência de pensamento em detrimento dos anteriores colaboradores, uma vez que o mesmo se firmou de maneira imparcial perante as nuances que rodeiam a prática de ensino de leitura nas conjunturas didáticas dos dois ministrantes (docente da turma versus pesquisador). Para ele, o método vivenciado por cada professor se distingue, cada qual procura proporcionar uma forma de por em evidência os procedimentos pedagógicos para o tratamento da ação leitora em sala de aula,

e em sua visão não há diferença notória entre os dois sujeitos, explicitando ainda que estes sempre incentivam os discentes ao efetivo trabalho com a leitura.

Notamos com isso que as deficiências no trato com a leitura não se repercute na figura de um bom ou razoável docente, mas sim na prática cotidiana de acentuar a importância que esta ferramenta da língua portuguesa possui.

O quarto colaborador evidenciou também que a intervenção do pesquisador, embasado na corrente interacionista foi salutar para o aperfeiçoamento da prática de leitura, sendo as referidas aulas bem elaboradas, contudo o referido colaborador não se sentia aberto ao diálogo com a temática e com o pesquisador, pois o entrosamento com a docente da turma era mais frequente, portanto mais constante por questões puramente de proximidade e/ou intimidade.

Isso é um entrave, porque podemos chegar a conjectura de que o aluno podia estar entendendo o assunto abordado, compreendendo as noções regimentais da aula interativa face à leitura, mas que não estava totalmente à vontade pra possíveis indagações ao docente naquela ocasião em virtude deste não ser o professor titular. Poderíamos imaginar um aluno que esteja compreendendo a temática, mas que no caminho construa dúvidas e não procura solucioná-las em virtude do grau elevado ou não de aproximação com aquele que é o intermediador da aula.

A próxima indagação, a terceira de nosso questionário, evidencia o questionamento sobre o que os alunos entenderam do que seja uma aula interativa, se este método de ensino de leitura satisfaz o aluno, e se este ainda deixa marcas de superficialidade ou inadequações:

Quadro 12 (Questão 03,questionário II)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborados 3	Colaborador 4
<i>“As aulas interativas são bem elaboradas do que as aulas tradicionais, pois proporcionam aos alunos o melhor comprometimento da leitura, e não deixa erros.”</i>	<i>“É que aula interativa faz com que a pessoa interaja com a leitura. Sim, pois o aluno pode entender mais, com certeza.”</i>	<i>“A aula interativa acaba se tornando melhor que o método tradicional, pois a aula interativa satisfaz a nós alunos, nos convencendo a nos aprofundar e compreender a leitura. Esses erros podem ser consertados.”</i>	<i>“Este método é bem melhor que o método tradicional; faz você ir mais a fundo na leitura e compreenda melhor e sim, estes ‘erros’ podem ser consertados e devem ser.”</i>

No quadro acima percebemos a unanimidade nas resoluções dos alunos, nos comprovando que a aula de língua portuguesa em tom interativo é o mais eficaz para uma maior prática leitora tanto no contexto escolar como no cotidiano dos estudantes. Para eles, a aula é mais bem elaborada, tem um fim e objetivo específicos, e com isso os alunos se comprometem mais no momento da ação de leitura, interagindo e dialogando cada vez mais na sala de aula, eventualidade que para eles não acontece no modelo tradicional.

É interessante fazer uma ressalva na questão de possíveis inadequações mesmo nas aulas interativas, pois os colaboradores 3 e 4 esboçaram em suas respostas que erros podem aparecer nessas aulas, por isso cabe ao docente atentar para a objetivação que se pretende em meio a aula interativa, qual a proposta dentro do contexto de ensino, qual o público a ser atingido, atentar para os materiais/recursos a serem utilizados. Tudo isso requer uma atenção maior na hora de formatar uma sequência e/ou um plano de aula fundamentado na teoria interacionista da linguagem. Por isso que os tais colaboradores disseram que esses erros existiram na intervenção do pesquisador, mas nada que não pudesse ser solucionado, pois na visão desses informantes os erros existiram, mas devem ser dirimidos.

Chegando, pois a última questão do presente questionário, iremos acentuar algumas análises sobre o grau de entendimento de leitura interativa que os alunos obtiveram, e buscar retirar deles o que de mais proveitoso ficou para cada qual face a moldura da interatividade, bem como de possíveis sugestões procedimentais aos professores para se efetivar uma aula de língua portuguesa produtiva, dinâmica e comunicativa por natureza:

Quadro 13(Questão 04,questionário II)

Colaborador 1	Colaborador 2	Colaborados 3	Colaborador 4
<i>“As aulas interativas ajuda aos alunos ver a leitura como uma coisa boa de praticar e não como uma coisa chata; bom seria se todos as professores procurassem novos modos para melhorar o seu ensino[...].”</i>	<i>“Sim, pois faz a gente ir longe com a leitura, que eles não obriguem ninguém ler, mas sim diga ler faz bem, leia, por favor.”</i>	<i>“Sim, [...] agora estou lendo sempre que posso. Seria melhor o professor deixar mais de lado os métodos de leitura dos anos anteriores e busque levar ‘pra’ sala de aula um método de ensino agradável.”</i>	<i>“Sim, agora leio mais e tenho até mais paciência ‘pra’ ler. Que os professores não sigam tão a risca o livro didático intercale levando alguns livros de leitura.”</i>

Nas assertivas do quadro acima os discentes vieram apenas a ampliar nossa formulação de que aula interativa pode e deve ajudar no contexto procedimental do ensino de leitura, que esse tipo de ferramenta educativa não se apresenta de forma monótona ou, nas palavras do colaborador 1 “*coisa chata*”, esse informante caracterizou que o ato de ler no viés interacional é de extrema relevância para o desenvolvimento crítico dos alunos, e que o professor deve se adequar a este modelo pedagógico, que o docente deve procurar esses modos de ensino para se firmar a corrente dialógica da prática de leitura na sala de aula.

Na explanação do colaborador 2, vemos que este possui traços marcantes em sua vivência escolar de imposição de leitura, seja ela qual for, pois foi por ele corroborada a noção de não se poder obrigar o aluno a ler, mas sim incentivar, procurar meios facilitadores em meio à prática leitora, não impondo textos sem nexos com a realidade do estudante. Para um bom e profícuo aprendizado, o docente deve manter em sua vida escolar a concepção de um ensino de leitura pautado num processo evolutivo e contínuo, permanente por natureza e sem amarras ao modelo tradicional de leitura por decodificação e interpretação unívoca.

Esse fato é evidenciado mais uma vez na resposta do colaborador 3, quando retrata que os professores deviam se desprender dos métodos já conhecidos e bastante rotineiros em detrimento da prática de leitura e procurar essencialidades mais concretas em face do cotidiano vivido pelos alunos, faixa etária, sexo, religião, classe social, condição financeira, dentre outros. O ensino de leitura deve ser mais agradável aos olhos dos discentes, das condicionalidades e necessidades específicas para o intrínseco desenvolvimento intelectual, social e comunicativo.

O último colaborador faz sua interpretação sobre as aulas interativas também de forma positiva, pois o mesmo não tinha a calma/paciência necessária para ler, e através desse tipo de aula de língua portuguesa, este passou a ter melhores condições de praticar a sua leitura e com isso desenvolver seu senso de participação na escola e na sociedade.

Um dado importante que este mesmo informante trouxe foi em relação ao uso exacerbado do livro didático na sala de aula, uma vez que para o docente não deve se prender totalmente aos postulados, procedimentos e atividades corroboradas no LD, o que para ele seria salutar era intercalar as aulas com leituras outras, que aqui deduzimos como sendo materiais textuais mais próximos dos alunos, materiais midiáticos, tecnológicos, ou seja, aspectos que se aproximam da funcionalidade social e comunicativa dos estudantes.

3.3.3 QUESTIONÁRIO III (Docente)

O questionário endereçado a docente possui nove questões norteadoras das acepções que cercam o ensino e a prática de leitura no âmbito escolar, questionamentos em relação à concepção de leitura, metodologias encontradas, sugestões de ensino e panorama leitor em relação aos alunos. Na sequência, abordaremos analiticamente as nove questões a fim de encontrar posicionamentos eficazes que nos possibilitem encontrar a real situação do contexto da prática de leitura nas aulas de língua portuguesa.

Na primeira questão, que aborda a concepção de leitura que a docente possui em torno de sua prática escolar, e notamos uma resolução interessante do ponto de vista do que a leitura proporciona no cotidiano das aulas, pois em suas palavras *“o hábito de leitura, portanto é uma prática que desenvolve o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação.”* Notamos a preocupação da docente ao dizer que ler é um ato que envolve três eixos fundantes para a efetivação de uma leitura mais condizente com os alunos, que são o senso crítico, o desenvolvimento do raciocínio e da interpretação. Somos sabedores que essas esferas se unem no momento da prática de leitura, que o aluno se utiliza de tais eixos para ler com eficácia, e que acima de tudo ler envolve a concatenação das três fases acima citadas. Portanto do ponto de vista da concepção, a docente trouxe de forma precisa e objetiva o que é leitura, o que a condiciona e como ela se desenvolve no momento da prática.

A próxima questão, que trata da metodologia leitora usada na escola, a docente esboçou que a prática de leitura é uma coisa que ocorre de maneira dificultosa, pois os alunos não possuem o hábito e prazer em ler, mesmo se utilizando dos LDs e de projetos de leitura a docente expressou que *“Infelizmente o prazer da leitura é algo ainda muito distante nas escolas, pois a falta de hábito dos alunos dificulta esse momento”*. Empreendemos com isso que a dificuldade maior de trazer o ensino de leitura no ideário escolar está diretamente ligado a ausência de carga de leitura por parte dos discentes, pois os mesmos não se interessam por esta esfera da língua.

A terceira questão provoca a docente para a questão de quais são dificuldades e limitações encontradas nos alunos em meio à prática de leitura, o que pode condicionar esse déficit de leitura nos discentes. É nessa questão que a docente enfatiza mais uma vez como primeiro ponto a falta do hábito de leitura por parte do alunado, sendo em sua visão o ponto crucial para as deficiências leitoras dos estudantes, e traz ainda a questão dos meios eletrônicos que tomam conta da vida dos jovens aprendizes, no seu responder a docente ressalta que *“temos forte concorrente que é o computador, a maioria dos jovens passa um*

grande tempo conectado ao mundo virtual e não leem". Aqui a docente entende que o computador e como consequência a internet diminui a carga leitora dos alunos, uma vez que eles não têm a vontade de folhear livros e parar para lê-los, sendo o computador uma ferramenta mais fácil e mais corriqueira de encontrar a leitura, de forma mais rápida, contudo mais fragmentada e de propriedade duvidosa.

A quarta questão proporciona exatamente a sequência do questionamento anterior, provocando na docente quais são as possíveis medidas para tentar diminuir tais problemáticas da pouca prática de leitura face aos alunos. Nos dizeres da professora de língua portuguesa dois pontos são fundamentais para atenuar as dificuldades. A primeira é o papel da família, orientando os alunos que é na leitura que podemos posicionar criticamente nas mais diversas situações do cotidiano comunicativo e social, já que *"cabe à família e a escola auxiliar o jovem que é através da leitura que analisamos e nos posicionamos criticamente frente a determinadas situações"*, e uma segunda medida é produzir projetos de leitura nas aulas de língua portuguesa e também *"envolvendo leitura versus tecnologia com o objetivo de aproximar o alunado à leitura para que possa usá-lo como transformador do mundo em que vive"*.

A subsequente questão, que indaga a docente a respeito de sugestões e necessidades inerentes ao trato da leitura perante uma turma de 3º ano do ensino médio nos deixa um tanto preocupados quando da percepção por parte da professora por parte da ausência em sua resposta do primeiro item do questionamento, pois a mesma não respondeu de forma ampla/abrangente a indagação de quais seriam as necessidades específicas no ensino/prática de leitura em detrimento da formação de um aluno-leitor, e sua resposta apenas obteve convergência com o segundo item, que trabalha as sugestões possíveis para implantação de uma prática leitora eficiente sócio comunicativamente falando. Exemplificamos isso com a sua resposta, quando a mesma retrata que *"sugeria leitura de revistas educativas, jornais, textos literários, principalmente as obras sugeridas para os exames do vestibular"*.

A sexta indagação ressalta a atual conjuntura de ensino de leitura nas escolas brasileiras e aqui extraímos mais um fator que se desencadeia como relevante nesse espaço analítico, que é justamente a política de ensino que subjaz a escola em seus procedimentos didáticos. Notamos que a escola dispõe de material para desenvolvimento da leitura, mas o acesso não é permitido ou não se tem um trabalho profícuo com o material que se recebe, pois nas palavras da docente, a escola brasileira se encontra num *"momento de adaptação, pois temos nas escolas livros, cds e dvds riquíssimos, mas infelizmente muitas vezes não temos o acesso necessário e nem uma biblioteca adequada para facilitar nosso trabalho como é o*

caso na nossa escola que a biblioteca funciona em uma sala anexa e que ainda funciona como sala de aula”.

Encontramos aqui mais uma deficiência de nossas escolas brasileiras, o material é adquirido, mas não é utilizado de maneira correta, bem como os tais materiais não são dispostos em locais devidamente favoráveis, como é o caso da escola e da turma analisada, em que os livros se encontram em sala anexa e que a referida sala é usada como sala de aula e conseqüentemente os materiais não são utilizados.

A sétima questão analisa como a docente se porta perante a tal prática de leitura, se realmente o referido ensino favorece o aluno contemporâneo e como o docente deve se portar mediante tudo isso. Com efeito, na resolução da presente indagação a professora ressalta que a tecnologia e os meios eletrônicos tomam conta da vida dos alunos, a velocidade prevalece em detrimento de leituras em livros, e cabe ao docente estabelecer limites no uso desses meios e que acima de tudo reflita com seus alunos as limitações que os referidos aparatos tecnológicos possuem, pois como bem respondeu a docente *“é o mundo da imagem, da velocidade da tecnologia. É necessário buscar meios para incentivá-los, estabelecer projetos, expectativas e interesse para a leitura e mostrar que o mundo virtual contém informações fragmentadas, prontas, impedindo-os de fazer suas próprias conclusões”.*

A próxima indagação, que ressalta a dinâmica da prática de leitura usada nos vestibulares, empreendemos que a docente se coloca de maneira relevante quando diz que *“seria interessante incentivá-los a leitura das obras”.* Esse ponto é chave para nossa análise do ponto de vista de que o incentivo seja o pilar essencial para que os alunos possam ler com maior facilidade, com mais vontade e assim se prepararão melhor para os concursos vestibulares que forem se submeter em caráter posterior. É necessário, portanto o incentivo por parte do docente na incorporação de um ensino eficaz de leitura mediante esse fim do ciclo estudantil de um aluno em nossas aulas de língua portuguesa. O primeiro passo dos docentes na efetivação de uma prática de leitura com dinamicidade e eficácia parte justamente do incentivo aos alunos de que ler é a porta de entrada para o sucesso nos vestibulares que forem prestar.

A nona e última questão aborda juntamente com a docente as sugestões que ela pode deixar para as ações pedagógicas no âmbito do ensino de leitura em consonância com o viés interativo, comunicativo e dinâmico. Notamos a preocupação da docente em trazer para a sala de aula variados gêneros para o ensino de leitura, que a referida professora não se satisfaz apenas com o conteúdo do Livro Didático, que o professor deve selecionar mais textos e fazer com que os discentes adquiram o prazer pela leitura, nas palavras da colaboradora *“sempre*

que possível trazer para a sala de aula variados livros como: romances, cordéis, crônicas, bíblia, história em quadrinho etc. e deixar que o aluno faça a sua própria escolha. Ler gêneros literários na expectativa de encenar como, por exemplo, fábulas, crônicas, contos. Apresentar romances em história em quadrinhos”.

4. Considerações Finais

Um primeiro debate que podemos traçar aqui se faz presente na questão de que se leva mais em consideração nas aulas de língua os aspectos intrinsecamente gramaticais e normativos inerentes à escrita, a produção, a “redação nossa de cada dia” do que as facetas que integram a prática de leitura. As nossas aulas estão condicionadas a se praticar questionamentos puramente cultos à análise e produção de textos sem se passar pelo momento primeiro de “tocar” no material textual, tocar este que se vislumbra no momento da leitura. Sobre este viés chegamos “a prerrogativa de que “a partir desses depoimentos, é cabível concluir que a fixação quase obsessiva no ensino da gramática [...] tem deixado a sala de aula sem tempo para a leitura” (ANTUNES, 2009, p. 186). Porém não devemos, como docentes, colocar a culpa em falta de tempo para se trabalhar o primeiro aspecto para que uma sequência didática satisfaça as fases de aprendizagem do aluno, pois antes de se pegar diretamente um texto e analisado sem leitura prévia, leitura das faces que dialogam com o texto, a sequência das atividades não serão satisfatórias para que se efetive o caráter crítico-participativo do aluno. O que se deve fazer é um trabalho de diálogo com a leitura para que esta seja norte para as próximas atividades estudantis.

Do exposto nos questionários, bem como no período analítico do momento da fundamentação teórica, percebemos o quão é complexo o ensino de leitura, o quanto ainda temos de deficiência e limitações no trato da plena prática leitora nas conjunturas pedagógicas de nossas escolas em geral, e nas aulas de língua materna em particular.

Empreendemos aqui que não se devem subjugar tais problemáticas somente ao docente, pois em alguns casos a busca efetiva do ato de ler em caráter crítico, reflexivo e dinâmico não se fundamenta de maneira concreta por parte dos alunos, bem como da estrutura escolar que rege preceitos meramente normativos e tradicionais, fechando assim uma ação leitora condizente com a realidade dos alunos.

A leitura é antes de tudo uma ação fomentada no eu que interage com uma gama de organizações, sejam elas escolares, individuais, na vivência do docente, de seu estilo de vida em sociedade, das suas práticas de vida e do contexto escolar como reflexo de tudo isso. Não devemos, pois culpar somente o professor, por suas limitações enquanto ser mediador da aprendizagem, nem dos alunos, que recebem essa essência educativa de forma parcial e superficial, não abrangendo nem fomentando o processo formativo dos sujeitos participantes da leitura, uma leitura aberta, viva e ativa na vida de cada ser que dela usufrui para dialogar, escrever, se fazer sujeito social e comunitário, comunicativo em si mesmo.

A leitura só se fundamentará concreta nos quatro cantos das nossas escolas se for regida de relações entre alunos, professores, supervisores e diretores, sociedade civil, pais e mestres, evidenciando assim um ensino pragmático, eficiente, fazendo com que a leitura seja motivo de evolução, de aprendizagem mútua com os alunos, com os futuros professores, médicos, advogados, enfim, a leitura se torna viva quando de fato refletir em progresso mediante o pleno desenvolvimento humano das pessoas participantes dessa rica ferramenta da língua portuguesa.

Devemos ainda, fazer com que nossos alunos interajam mais nas aulas de língua materna, trazendo meios provenientes a essa interação, bem como métodos que tragam suportes vividos por eles, fundando assim um espaço escolar propício para o funcionamento da leitura interativa, compartilhada, não mais em viés silencioso, que em nada contribui para o desenvolvimento dos estudantes; esse tipo de leitura realmente “cala” o aluno, perdendo assim sua vontade de ler.

Devemos sim partilhar da leitura em voz alta e crítica, acrescentando por último a noção de que o aluno possa adquirir o gosto pela leitura, um ato de ler interpretativo, reflexivo e dinâmico, reluzindo um ensino processual e participativo entre os diversos sujeitos participantes do contexto educacional.

Referência

ANTUNES, Irandé. A leitura: de olho nas suas funções. In: **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. p. 185 – 206.

CAMPINA, Teresa Neuma de Farias Campina. Leitura e escrita: trilhas do texto no espaço da sala de aula. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da [et al]. **Ensino de Língua: do impresso ao virtual**. Campina Grande: EDUEPB, 2006, p. 101 – 133.

DE PIETRI, Émerson, Os materiais didáticos e as práticas de leitura na escola. In: **Práticas de leitura e elementos para a atuação docente**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 33 – 90.

JURADO, Shirley e ROJO, Roxane. A leitura no ensino médio: o que dizem os documentos oficiais e o que se faz? In: Bunzen, Clécio e MENDONÇA, Maria (orgs); KLEIMAN, Angela B. [et al]... **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 37 – 53.

KLEIMAN, *Ângela*. **Texto e Leitor- Aspectos Cognitivos da Leitura**. 5ª Ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. Leitura, texto e ensino. In: **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 09 – 37.

_____ Leitura, sistemas de conhecimento e processamento textual. In: **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 39 – 56.

_____ Gêneros textuais. In: **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 101 – 122.

_____ Escrita e interação. In: **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 31 – 63.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994; 92 p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Oficina de Linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. O ensino pragmático da leitura. In: **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 59 – 109.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. A constituição social e psicológica do texto escrito. In: PEREIRA, Regina Celi e ROCA, Maria Del Pilar (orgs). **Linguística aplicada**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 113 – 142.

PEREIRA, Regina Celi Mendes. **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 20110.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2007. p. 48 – 71.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: LAEL/PUC – SP, 2002. p. 1 – 8.

TORRALVO, Izete Fragata e MINCLHILLO, Carlos Cortez. **Linguagem em movimento**. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2010.

Cel. 1

~~Questionário para os alunos (3º ano do ensino médio)~~

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitadas os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino:

Idade: 18 anos

Sexo: feminino

- 1) De acordo com seus conhecimentos, o que é leitura?

Leitura é tudo aquilo que se pode ler.

- 2) Quais os tipos de leitura que você conhece? Explique os.

Leitura visual é aquela que é através de desconhecido

- 3) O que diferencia uma leitura tradicional de uma leitura interacionista (interativa)?

Leitura tradicional: Ela serve apenas para ler a palavra

Interacionista: Para que as pessoas ler a palavra e que sentido ela está.

- 4) Em relação a seu hábito de leitura, o que você mais gosta de ler no seu dia a dia?

Journal, revistas, etc.

- 5) No âmbito escolar, como você percebe a maneira como seu/sua professor (a) trabalha a leitura em sala de aula? É satisfatório para todos os alunos? Explique.

Sim: Porque eles mostram que devemos ler
Para que possamos interpretar um texto
Para que outros possam ler e entender

- 6) Por se tratar de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, como vocês alunos se veem para prestarem vestibular neste ano? Em relação à leitura, se acham preparados e capazes de se submeter aos exames?

Sim: Pois a Professora trabalha a leitura
Para que possamos entender

- 7) Ainda sobre os vestibulares, qual a sua opinião sobre a forma como é tratada a leitura? É de fácil entendimento ou não? Explique.

O entendimento era muito difícil devido o número de questões, e os textos serem um pouco grande

- 8) A leitura trabalhada na escola atende ao tipo de aluno da atualidade? Explique seu posicionamento.

Sim:

- 9) Quais as maiores dificuldades que você, aluno tem no hábito da leitura?

A forma de interpretação, principalmente uma hora de introduzir textos

Cel. 2

Questionário para os alunos (3º ano do ensino médio)

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitamos os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino: João Rogério Dias de Tolido.
 Idade: 16 Sexo: feminino

1) De acordo com seus conhecimentos, o que é leitura?

É uma maneira de se entender o que está escrito

2) Quais os tipos de leitura que você conhece? Explique os.

Visual, auditiva, oral, compartilhada e silenciosa

3) O que diferencia uma leitura tradicional de uma leitura interacionista (interativa)?

A leitura tradicional é mais simples e a interativa mais complexa

4) Em relação a seu hábito de leitura, o que você mais gosta de ler no seu dia a dia?

Livros de sagas, revistas, gibis e etc.

5) No âmbito escolar, como você percebe a maneira como seu/sua professor (a) trabalha a leitura em sala de aula? É satisfatório para todos os alunos? Explique.

Sim, é satisfatório

6) Por se tratar de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, como vocês alunos se veem para prestarem vestibular neste ano? Em relação à leitura, se acham preparados e capazes de se submeter aos exames?

Estamos mais ou menos preparados

7) Ainda sobre os vestibulares, qual a sua opinião sobre a forma como é tratada a leitura? É de fácil entendimento ou não? Explique.

Sim, embora a leitura seja muito extensa, é de fácil entendimento para mim.

8) A leitura trabalhada na escola atende ao tipo de aluno da atualidade? Explique seu posicionamento.

Sim sempre

9) Quais as maiores dificuldades que você, aluno tem no hábito da leitura?

normalmente entender o que se é passado nos livros didáticos

questionário para os alunos (3º ano do ensino médio)

Col. B

Para o(a) aluno(a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitadas as opiniões e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino: *for Rogério Dias de Toledo*

Idade: *18*

Sexo: *Feminino*

- 1) De acordo com seus conhecimentos, o que é leitura?

Leitura é um ato de conhecimento, pois ler significa perceber e compreender os textos.

- 2) Quais os tipos de leitura que você conhece? Explique os.

*Leitura visual - a qual conseguimos interpretar pelo que vemos
Não visual - a partir do que temos sem imagens.*

- 3) O que diferencia uma leitura tradicional de uma leitura interacionista (interativa)?

A forma de como ocorre interação com o que ler.

- 4) Em relação a seu hábito de leitura, o que você mais gosta de ler no seu dia a dia?

Postagens do facebook, do Twitter, do tumblr, sempre tenho um livro de coleção.

- 5) No âmbito escolar, como você percebe a maneira como seu/sua professor(a) trabalha a leitura em sala de aula? É satisfatório para todos os alunos? Explique.

Consciente e antigo. Não. Pois muitos não se veem interessados no que se está lendo.

- 6) Por se tratar de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, como vocês alunos se veem para prestarem vestibular neste ano? Em relação à leitura, se acham preparados e capazes de se submeter aos exames?

Muito apressados e nervosos. Sim.

- 7) Ainda sobre os vestibulares, qual a sua opinião sobre a forma como é tratada a leitura? É de fácil entendimento ou não? Explique.

*Exatamente pois é muita leitura. As vezes vem outros
mas, alguns textos se estendem um pouco dificultando a compreensão.*

- 8) A leitura trabalhada na escola atende ao tipo de aluno da atualidade? Explique seu posicionamento.

Não. A escola poderia adotar novos métodos no qual o aluno se interesse pelo ato de ler.

- 9) Quais as maiores dificuldades que você, aluno tem no hábito da leitura?

Ruquidão, falta de interesse e estímulo, etc.

Questionário para os alunos (3º ano do ensino médio)

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitados os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino:

Idade: 16

Sexo: Feminino

- 1) De acordo com seus conhecimentos, o que é leitura?

é um tipo de conhecimento no qual passamos imaginações, emoções e interagir ou seja como uma viagem.

- 2) Quais os tipos de leitura que você conhece? Explique os.

Textual, informativa, expressiva.

- 3) O que diferencia uma leitura tradicional de uma leitura interacionista (interativa)?

a interativa é aquela que nós envolve na leitura tradicional aquela leitura que lemos, mas não tem conteúdo de conteúdo.

- 4) Em relação a seu hábito de leitura, o que você mais gosta de ler no seu dia a dia?

mensagens, livros.

- 5) No âmbito escolar, como você percebe a maneira como seu/sua professor (a) trabalha a leitura em sala de aula? É satisfatório para todos os alunos? Explique.

Os professores ensinam nós alunos a ler em sala e indica livros. Por alguns alunos sim pois muitos não gostam de ler.

- 6) Por se tratar de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, como vocês alunos se veem para prestarem vestibular neste ano? Em relação à leitura, se acham preparados e capazes de se submeter aos exames?

Muitos professores ajudam com alguns assuntos sobre o vestibular, não, pois deveria haver mais ensino.

- 7) Ainda sobre os vestibulares, qual a sua opinião sobre a forma como é tratada a leitura? É de fácil entendimento ou não? Explique.

é melhor bem os professores sempre envolve agente em leituras, sim porque é bem explicadas.

- 8) A leitura trabalhada na escola atende ao tipo de aluno da atualidade? Explique seu posicionamento.

não, deveria atualizar e buscar textos que despertem no novo conhecimento.

- 9) Quais as maiores dificuldades que você, aluno tem no hábito da leitura?

Entender textos, principalmente os modernos.

col. 5

Questionário para os alunos (3º ano do ensino médio)

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitados os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino: IBRÃO ROBERTO DIAS DE SOUZA.

Idade: 18

Sexo: Masculino

- 1) De acordo com seus conhecimentos, o que é leitura?

leitura é buscar conhecimentos, apontar de livros, revistas etc...

- 2) Quais os tipos de leitura que você conhece? Explique os.

visual, oral, visual e aquela que você consegue ler apontar da visão. Qual é a que não mais usa mais, lendo livros, revistas, etc...

- 3) O que diferencia uma leitura tradicional de uma leitura interacionista (interativa)?

Por que a interação o assunto de uma forma melhor.

- 4) Em relação a seu hábito de leitura, o que você mais gosta de ler no seu dia a dia?

Jornal.

- 5) No âmbito escolar, como você percebe a maneira como seu/sua professor (a) trabalha a leitura em sala de aula? É satisfatório para todos os alunos? Explique.

De maneira formal. Sim porque os alunos podem aprender de uma forma mais detalhada.

- 6) Por se tratar de uma turma do 3º ano do Ensino Médio, como vocês alunos se veem para prestarem vestibular neste ano? Em relação à leitura, se acham preparados e capazes de se submeter aos exames?

Vejo que a turma está preparada. Sim porque vejo que a turma se interessa em tudo que o professor passa.

- 7) Ainda sobre os vestibulares, qual a sua opinião sobre a forma como é tratada a leitura? É de fácil entendimento ou não? Explique.

É muito burocrática, não porque os textos são muito extensos e não decoram do tempo não tem como fazer com tranquilidade.

- 8) A leitura trabalhada na escola atende ao tipo de aluno da atualidade? Explique seu posicionamento.

Não, porque os alunos não querem aprender, por causa de livros com muitos que não interessam no dia a dia.

- 9) Quais as maiores dificuldades que você, aluno tem no hábito da leitura?

Porque não gosto de livros, porque por causa da extensão de livros e do assunto.

Questionário II (alunos)

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitados os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino:

Idade: 17

Sexo: Feminino

- 1) Depois das duas aulas dadas pelo pesquisador, que passou dois meses observando sua turma, como você explicaria as aulas por ele dadas? Sobre o ensino de leitura, o que as aulas dele proporcionaram

para você? Explique sua posição.
As aulas dadas por ele é bem interativa fazendo com que não seja chata e deu pra compreender bem o ensino da leitura.

- 2) Qual a sua visão sobre as aulas dadas pelo pesquisador, fazendo comparação com as aulas dadas por sua professora? O que você percebe de diferente em relação ao ensino de leitura?

Bem diferente das aulas dadas pela professora, pois com ele deu pra compreender melhor a leitura, a qual a professora não sabe passar para os alunos.

- 3) Explique o que você entende agora por aula interativa sobre o ensino de leitura? É satisfatório esse tipo de ensino? É melhor do que o método tradicional? O ensino interacionista da leitura deixa "erros", pode ser melhorado?

As aulas interativas são bem melhores do que as aulas tradicionais, pois proporcionam aos alunos o melhor entendimento da leitura, e não deixa erros.

- 4) Como fim desse questionário, queremos saber se as aulas interacionistas deixou algo de proveitoso para sua prática de leitura, leitura essa não na escola, mas na sua vida com um todo? E que sugestões você deixa para os professores de língua portuguesa para o ensino de leitura na escola?

As aulas interacionistas ajuda aos alunos ver a leitura como uma coisa boa de se praticar e não como uma coisa chata, bem seria se todos os professores procurassem novos modos para melhorar o seu ensino e o entendimento dos alunos.

Questionário II (alunos)

2

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitamos os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino:

Idade: 19 anos Sexo: Feminino

- 1) Depois das duas aulas dadas pelo pesquisador, que passou dois meses observando sua turma, como você explicaria as aulas por ele dadas? Sobre o ensino de leitura, o que as aulas dele proporcionaram para você? Explique sua posição.
 Muito interativa, que com a leitura a pessoa vai longe, só que eu não costumo ler vou começar agora com as aulas do pesquisador e isso aprendi com ele.
- 2) Qual a sua visão sobre as aulas dadas pelo pesquisador, fazendo comparação com as aulas dadas por sua professora? O que você percebe de diferente em relação ao ensino de leitura?
 É por causa que ele deixa com que os alunos se interaja e a professora não deixa, ele pede para o aluno ler e ela não pede ler só.
- 3) Explique o que você entende agora por aula interativa sobre o ensino de leitura? É satisfatório esse tipo de ensino? É melhor do que o método tradicional? O ensino interacionista da leitura deixa "erros", pode ser melhorado?
 É que aula interativa faz com que a pessoa interaja e amar a leitura. Sim, sim pois o aluno pode entender mais, com certeza.
- 4) Como fim desse questionário, queremos saber se as aulas interacionistas deixou algo de proveitoso para sua prática de leitura, leitura essa não na escola, mas na sua vida com um todo? E que sugestões você deixa para os professores de língua portuguesa para o ensino de leitura na escola?
 Sim, pois faz nos ir longe com leitura, que eles não obriguem ninguém ler mais sim diga vai fazer bem ler por favor

Questionário II (alunos)

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitados os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino: E. E. E. Fund. Jédis João Rogério Dias de Toledo.

Idade: 18 anos Sexo: Feminine

- 1) Depois das duas aulas dadas pelo pesquisador, que passou dois meses observando sua turma, como você explicaria as aulas por ele dadas? Sobre o ensino de leitura, o que as aulas dele proporcionaram para você? Explique sua posição.

Fornam boas aulas, sendo de momento burocrática. Com paciência e saber com que os alunos façam na aula e principalmente de quem praticar diariamente a questão da leitura.

- 2) Qual a sua visão sobre as aulas dadas pelo pesquisador, fazendo comparação com as aulas dadas por sua professora? O que você percebe de diferente em relação ao ensino de leitura?

Cada professor tem seu método de ensino, mas por ensinar a mesma disciplina que minha atual professora, quase não há nada de diferente, pois eles ensinam em princípios pontos da disciplina e sempre incentivando a leitura.

- 3) Explique o que você entende agora por aula interativa sobre o ensino de leitura? É satisfatório esse tipo de ensino? É melhor do que o método tradicional? O ensino interacionista da leitura deixa "erros", pode ser melhorado?

A aula interativa acaba se tornando melhor que o método tradicional, pois a aula interativa motiva os alunos, mas convendo a não apressar e compreender melhor a leitura. Alguns erros podem e devem ser cometidos.

- 4) Como fim desse questionário, queremos saber se as aulas interacionistas deixou algo de proveitoso para sua prática de leitura, leitura essa não na escola, mas na sua vida com um todo? E que sugestões você deixa para os professores de língua portuguesa para o ensino de leitura na escola?

Sim. Eu já gostava de ler, mas agora estou lendo mesmo que por prazer. Seria melhor os professores deixarem mais de lado os métodos de leitura dos livros tradicionais e busquem criar uma aula de leitura com métodos de ensino agradável.

Questionário II (alunos)

Caro (a) aluno (a) esse questionário é de caráter sigiloso, os nomes de vocês serão preservados, e assim respeitados os pensamentos e as respostas que serão caracterizadas.

Instituição de ensino: E. C. E. J. e M. João Rogério Dias de Toledo

Idade: 17 anos Sexo: Feminino

- 1) Depois das duas aulas dadas pelo pesquisador, que passou dois meses observando sua turma, como você explicaria as aulas por ele dadas? Sobre o ensino de leitura, o que as aulas dele proporcionaram para você? Explique sua posição.
Bem explicativas com constante leitura e exercícios. Explica como devemos interpretar um texto, quais pontos observar e que devemos ler varias vezes para melhor entendimento.
- 2) Qual a sua visão sobre as aulas dadas pelo pesquisador, fazendo comparação com as aulas dadas por sua professora? O que você percebe de diferente em relação ao ensino de leitura?
Bem, as aulas do pesquisador eram muito bem elaboradas, use que nem usava mais a vontade nos da professora não pelo fato dela ser melhor que ele e sim porque já era minha professora e tinha mais intimidade com ela.
- 3) Explique o que você entende agora por aula interativa sobre o ensino de leitura? É satisfatório esse tipo de ensino? É melhor do que o método tradicional? O ensino interacionista da leitura deixa "erros", pode ser melhorado?
Este método é bem melhor que o método tradicional faz voce ir mais a fundo na leitura e compreendela melhor e sim estes "erros" podem ser consertados e deixm ser.
- 4) Como fim desse questionário, queremos saber se as aulas interacionistas deixou algo de proveitoso para sua prática de leitura, leitura essa não na escola, mas na sua vida com um todo? E que sugestões você deixa para os professores de língua portuguesa para o ensino de leitura na escola?
Sim agora luo mais e tenho ate mais paciencia pra ler. Que os professores não sigam tao a risca o livro didatico intercalando lendo alguns livros de leitura.

Anexo (Questionário III, para a professora da turma).

Caríssima professora o presente questionário terá um fim sigiloso, respeitando sempre a sua imagem e seus ideais no tocante á temática proposta.

Instituição de ensino:

Idade: 38 anos tempo de docência: 12 anos escolaridade:

1) Qual a concepção de leitura que você, como um docente e atuante na área de língua possui?

2) Ainda em relação à concepção de leitura, no âmbito escolar qual é a noção de ensino de leitura mais trabalhada em sala no ano letivo?

3) Em se tratando dos alunos, como você vê as carências e dificuldades de leitura por parte dos discentes? O que condiciona as dificuldades de leitura afinal? Explique.

4) Quais as medidas imediatas que você percebe como necessárias para melhorar e amenizar essa situação? _____

5) Por se tratar de uma turma que fecha um ciclo escolar, quais as necessidades específicas no tocante às práticas de leitura inerentes a turma de 3º ano do ensino médio? O que a professora deixaria de incentivo e sugestão para seus alunos dessa turma em relação à leitura? _____

6) Por toda a sua prática docente, como você vê a atual forma de ensino de leitura nas escolas brasileiras?

7) Será que esse (s) tipo (s) de leitura satisfaz ao alunado de hoje na interface das relações tecnológicas e mais dinâmicas? Como o professor se porta em meio a tudo isso?

8) Em relação ao modo como a leitura é trabalhada nos exames de vestibular, como o ENEM, qual a sua posição sobre a dinâmica do tipo de leitura usado nas questões destes vestibulares? É satisfatório e de fácil entendimento pelos alunos?

9) Como um professor preocupado com as práticas de leitura não apenas na escola, mas para toda uma vida, deixe sugestões pedagógicas para que o hábito de leitura se torne mais dinâmico e presente na vida dos alunos.

Resolução

1ª Questão

A leitura é de grande importância em nossas vidas, pois além de interpretar informa. É um ato que de maneira natural faz parte do nosso dia a dia e que necessita de reflexão e conseqüentemente interpretação pessoal. O hábito de leitura, portanto é uma prática que desenvolve o raciocínio, o senso crítico e a capacidade de interpretação.

2ª Questão

Infelizmente o prazer da leitura é algo ainda muito distante nas escolas, pois a falta de hábito dos alunos dificulta esse momento. Além dos textos dos livros didáticos e outros de complementos como informativos, literários buscamos desenvolver “projetos de leitura” apesar da dificuldade é o que mais os aproximam dos livros.

3ª Questão

Como já citei na 2ª questão o que condiciona as dificuldades de leitura é a falta de hábito de leitura, ainda mais nos dias atuais, pois temos forte concorrente que é o computador, a maioria dos jovens passa um grande tempo conectado ao mundo virtual e não leem.

4ª Questão

Cabe à família e a escola auxiliar o jovem que é através da leitura que analisamos e nos posicionamos criticamente frente a determinadas situações e que não devemos nos deter apenas ao mundo virtual que tudo já está pronto e elaborado e que gastando grande tempo na

internet se ler menos livros. Como docente devemos elaborar projetos envolvendo leitura versus tecnologia com o objetivo de aproximar o alunado à leitura para que possa usá-lo como transformador do mundo em que vive.

5ª Questão

Sugeria leitura de revistas educativas, jornais, textos literários, principalmente as obras sugeridas para os exames do vestibular.

6ª Questão

Momento de adaptação, pois temos nas escolas livros, cds e dvds riquíssimos, mas infelizmente muitas vezes não temos o acesso necessário e nem uma biblioteca adequada para facilitar nosso trabalho como é o caso na nossa escola que a biblioteca funciona em uma sala anexa e que ainda funciona como sala de aula, dessa forma dificulta a execução de projetos, impedindo o aluno de escolher o próprio livro.

7ª Questão

É o mundo da imagem, da velocidade da tecnologia. É necessário buscar meios para incentivá-los, estabelecer projetos, expectativas e interesse para a leitura e mostrar que o mundo virtual contém informações fragmentadas, prontas, impedindo-os de fazer suas próprias conclusões. Lembrando que é necessário que o professor independentemente da sua área de atuação, possa conhecer as potencialidades e as limitações pedagógicas envolvidas nas diferentes tecnologias, seja o vídeo, a internet, o computador, entre outros e que seu uso seja significativo e produtivo para ambas as partes.

8ª Questão

Bom, para trabalharmos obras para o vestibular seria interessante incentivá-los a leitura das obras, fragmenta as obras, discutir e responder questões obre as mesmas, mas muitas vezes esse trabalho é dificultado por falta de cópias, a escola oferece cópias apenas nas avaliações e os próprios alunos não se comprometem em tirá-los. Diante de tantas dificuldades levo cópias para a metade da turma, divido em equipes para a compreensão desses textos, mas infelizmente nem todos tem acesso as obras, fragmentadas e exercícios resolvidos. Por fim, incentivo que os demais tirem as cópias.

9ª Questão

Sempre que possível trazer para a sala de aula variados livros como: romances, cordéis, crônicas, bíblia, história em quadrinho etc. e deixar que o aluno faça a sua própria escolha. Ler gêneros literários na expectativa de encenar como, por exemplo, fábulas, crônicas, contos. Apresentar romances em história em quadrinhos.

O tema no tempo

■ Livrar-se das sombras

Como a reflexão sobre a condição humana foi proposta em diferentes épocas

Muitos gostariam de acreditar que a análise do homem e da realidade fosse capaz de promover um conhecimento suficiente para resolver muitos dos problemas que estão por aí, dentro e fora de nós. Seria então possível compreender pela razão os males sociais, as nossas dificuldades materiais e emocionais e, conseqüentemente, alcançar uma vida coletiva e individual que gerasse menos perplexidade, insegurança e insatisfação. Mas não é preciso muito esforço para perceber que quanto mais pensamos na nossa existência e no mundo que nos cerca, mais dúvidas temos.

Mesmo assim, somos incorrigíveis: com o coração e com a mente, insistimos em interrogar este “**mundo mundo vasto mundo**” e a arte continua registrando o que sentimos e imaginamos quando não sabemos exatamente as respostas para as perguntas que continuamente formulamos.

Será então que o melhor seria não questionar? Seria vantajoso manter-se passivamente vivo, sem vasculhar a realidade, aceitando as primeiras impressões e ideias que nos vêm à mente? Seria satisfatório contentar-se com o que os outros nos dizem, aceitando os lugares-comuns, as interpretações consagradas?

Platão, filósofo da Grécia antiga, no século VI a.C., propôs sobre essa questão uma fábula, que você vai ler na versão da filósofa brasileira Marilena Chaui.

No *Poema de sete faces*, o poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade escreveu os versos “**Mundo mundo vasto mundo, / mais vasto é meu coração**”.

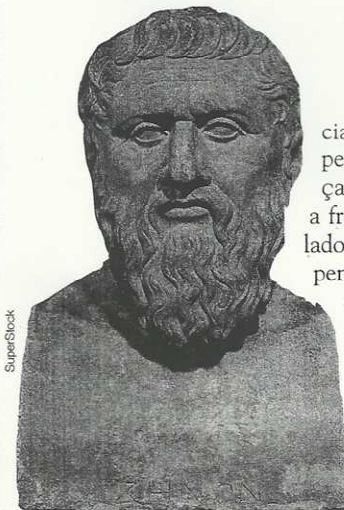
Platão registrou em diálogos os ensinamentos de Sócrates, seu mestre. É num desses diálogos, exposto na *República*, que Platão conta o mito da caverna.

•••• Século VI a.C. ••••

O mito da caverna

Imaginemos uma caverna subterrânea onde, desde a infância, geração após geração, seres humanos estão aprisionados. Suas pernas e seus pescoços estão algemados de tal modo que são forçados a permanecer sempre no mesmo lugar e a olhar apenas para a frente, não podendo girar a cabeça nem para trás nem para os lados. A entrada da caverna permite que alguma luz exterior ali penetre, de modo que se possa, na semiobscuridade, enxergar o que se passa no interior.

A luz que ali entra provém de uma imensa e alta fogueira externa. Entre ela e os prisioneiros – no exterior, portanto – há um caminho ascendente ao longo do qual foi erguida uma mureta, como se fosse a parte fronteira de um palco de marionetes. Ao longo dessa mureta-palco, homens transportam estatuetas de todo tipo, com figuras de seres humanos, animais e todas as coisas.



SuperStock

Por causa da luz da fogueira e da posição ocupada por ela, os prisioneiros enxergam na parede do fundo da caverna as sombras das estatuetas transportadas, mas sem poderem ver as próprias estatuetas, nem os homens que as transportam.

Como jamais viram outra coisa, os prisioneiros imaginam que as sombras vistas são as próprias coisas. Ou seja, não podem saber que são sombras, nem podem saber que são imagens (estatuetas de coisas), nem que há outros seres humanos reais fora da caverna. Também não podem saber que enxergam porque há a fogueira e a luz no exterior e imaginam que toda a luminosidade possível é a que reina na caverna.

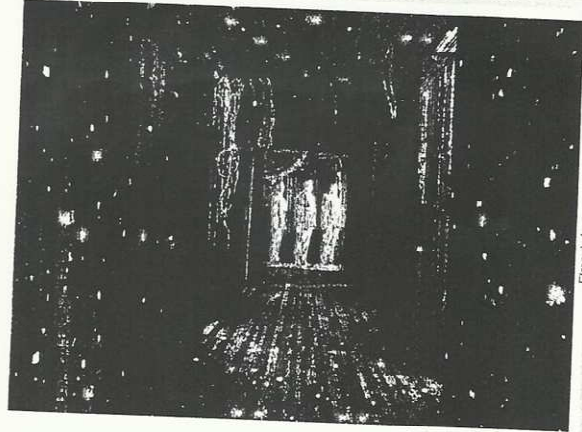
Que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Que faria um prisioneiro libertado? Em primeiro lugar, olharia toda a caverna, veria os outros seres humanos, a mureta, as estatuetas e a fogueira. Embora dolorido pelos anos de imobilidade, começaria a caminhar, dirigindo-se à entrada da caverna e, deparando com o caminho ascendente, nele adentraria.

Num primeiro momento, ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade, veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda sua vida, não vira senão sombras de imagens (as sombras das estatuetas projetadas no fundo da caverna) e que somente agora está contemplando a própria realidade.

Libertado e conhecedor do mundo, o prisioneiro regressaria à caverna, ficaria desorientado pela escuridão, contaria aos outros o que viu e tentaria libertá-los.

Que lhe aconteceria nesse retorno? Os demais prisioneiros zombariam dele, não acreditariam em suas palavras e, se não conseguissem silenciá-lo com suas caçadas, tentariam fazê-lo espancando-o e se, mesmo assim, ele teimasse em afirmar o que viu e os convidasse a sair da caverna, certamente acabariam por matá-lo.

Marilena Chauí. *Convite à filosofia*.
São Paulo: Ática, 1997, p. 40.

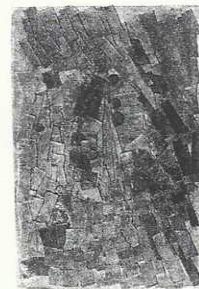


Cena de Matrix, 1999.

Filme de Larry e Andy Wachowski, Matrix, 1999.
EUA/Austrália. Foto: Event Collection/Repack.

O mito da caverna é citado direta e indiretamente até hoje. No filme Matrix, de Andy e Larry Wachowski, os personagens estão submetidos a um mundo ilusório e não têm conhecimento da realidade. Em *A caverna*, do autor português José Saramago, os personagens vivem confinados num Centro Comercial, a caverna contemporânea em que os "prisioneiros da modernidade" estão limitados pelas ilusões do consumismo e da tecnologia.

JOSÉ SARAMAGO



A CAVERNA

Publicado por
COMPANHIA DAS LETRAS

A caverna, de José Saramago.

Editora Companhia das Letras

Essa “luta” para obter a **expressão poética adequada** é assim explicada pelo poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz:

“[...] um poema que não lutas-se contra a natureza das palavras, obrigando-as a ir mais além de si mesmas e de seus significados relativos, um poema que não tentasse fazê-las dizer o indizível, permaneceria simples manipulação verbal. O que caracteriza o poema é sua necessária dependência da palavra tanto como sua luta por transcendê-la”.

Octavio Paz. *O arco e a lira*.
Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, p. 225.

■ O poeta lutador

A fase da poesia de Carlos Drummond que se inicia com o livro *Claro enigma*, de 1945, desenvolve não só temas filosóficos, mas também revela constante reflexão sobre a **construção da linguagem poética**.

Leia, a seguir, um poema bastante representativo dessa preocupação metalinguística.



O lutador

Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Entanto lutamos
mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevcia
que as traga de novo
ao centro da praça.

[...] Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...
Entretanto, luto.

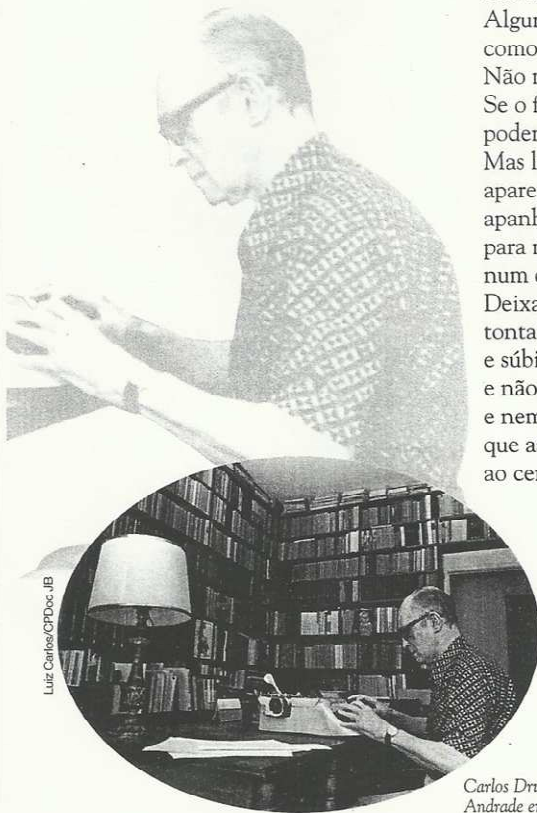
Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate. [...]

O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

Carlos Drummond de Andrade. In *Claro enigma*.
© Graña Drummond <www.carlosdrummond.com.br>
Rio de Janeiro: Record.



vã
inútil
sevcia
maus-tratos
pecúlio
benefício



Carlos Drummond de
Andrade em 1977.

Exercícios

NÃO ESCREVA
RESOLUÇÕES E RESPOSTAS
EM SEU LIVRO

- Nos cinco primeiros versos, apresenta-se o combate a que o poeta se entrega para expressar-se.
 - Qual é o combate a que o poeta se entrega?
 - O que o poeta sente em relação ao seu "adversário"? Justifique sua resposta com verso(s) do poema.
- Releia os versos a seguir.

"Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça."



- Por que se pode afirmar que, de acordo com esses versos, as palavras revelam um caráter enganador?
 - Sob o ponto de vista do eu lírico, o caráter enganador das palavras revela:
 - impossibilidade de comunicação.
 - dificuldade de encontrar a expressão pretendida.
 - fracasso na escolha temática dos poemas.
 - o gosto pela busca da forma poética perfeita.
- É correto afirmar que a luta do eu lírico, ainda que lhe pareça inútil, prossegue incessantemente? Por quê?
 - Por que o eu lírico, mesmo tendo consciência de que a sua luta é vã, não desiste do combate?
 - (Enem) No poema *Procura da poesia*, Carlos Drummond de Andrade expressa a concepção estética de se fazer com palavras o que o escultor Michelângelo fazia com o mármore. O fragmento abaixo exemplifica essa afirmação.



[...] Penetra surdamente no reino das palavras.
Lá estão os poemas que esperam ser escritos. [...]

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave? [...]

Carlos Drummond de Andrade. In *A rosa do povo*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988, pp. 96-97.

Esse fragmento poético ilustra o seguinte tema constante entre autores modernistas.

- A nostalgia do passado colonialista revisitado.
- A preocupação com o engajamento político e social da literatura.
- O trabalho quase artesanal com as palavras, despertando sentidos novos.
- A produção de sentidos herméticos na busca da perfeição poética.
- A contemplação da natureza brasileira na perspectiva ufanista da pátria.

■ Um mundo irremediavelmente trincado

Como é frequente nos textos de Clarice Lispector, após um momento de percepção aguda e de extrema lucidez, a personagem volta ao estado inicial, retorna à rotina, ainda que internamente mudada pela experiência vivida.

Em *Feliz aniversário*, D. Anita vivencia instantes de revelação e transmite a Cordélia, a nora mais moça, o que aprendeu com a experiência: "É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta". As palavras da mulher de 89 anos traduzem melancolicamente a sua descoberta de não ter mais tempo para transformar as relações familiares, tão arruinadas, e servem de conselho à nora: não se deve desperdiçar tempo na vida.

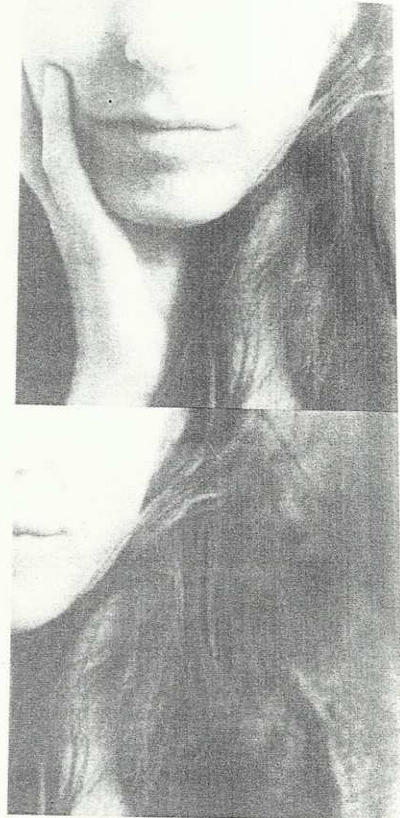
Empenhada especialmente em investigar o universo íntimo feminino, as protagonistas dos contos e romances de Clarice Lispector são mulheres. Mulheres comuns, normalmente donas de casa da classe média urbana, preocupadas com os afazeres domésticos, com os filhos, maridos e frequentemente entediadas, insatisfeitas, mas sem nítida consciência da causa do vazio que sentem. Por não saberem identificar com segurança o que lhes falta ou oprime, são seres opacos, discretamente infelizes. Pois são esses os seres flagrados em situações perturbadoras, submetidos a uma torrente incontrolável de emoções que geram crises, desestabilizações intensas.

■ A dolorosa pobreza interior

Em seu último romance, *A hora da estrela*, Clarice Lispector excepcionalmente abandonou o perfil tradicional de suas personagens, deixando de retratar o universo das mulheres burguesas e optando por tratar da vida de Macabéa, moça alagoana, que, como tantos retirantes, vive na periferia das grandes cidades, cuja existência é ignorada pelas outras classes sociais.

A pobreza material e mental caracteriza a jovem, que, de tão carente, era um ser raso, ignorante, sem consciência de si mesma. Por essa razão, Clarice Lispector transfere para Rodrigo S. M. a função de desvendar a alma "rala" de Macabéa. Rodrigo S. M. torna-se, assim, um personagem-narrador-escritor que reflete a respeito das dolorosas carências da nordestina e, ao mesmo tempo, desperta em si e no leitor a necessidade de meditar sobre o sentido da existência humana.

Photodisc/Getty Images



Capa de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

Leia alguns trechos de *A hora da estrela*.

Trecho I

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer. [...]

Como é que sei tudo o que vai se seguir e que ainda o desconheço, já que o nunca vivi? É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe. [...]

Proponho-me a que não seja complexo o que escreverei [...].

O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. É dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. [...]

Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de perguntar “que sou eu?” cairia estatelada e em cheio no chão. É que “que sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto.

Clarice Lispector. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981, pp. 16-20.

Trecho II

Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo. Sim. [...]

Ela nascera com maus antecedentes e agora parecia uma filha de um não-sei-o-quê com ar de se desculpar por ocupar espaço. [...] Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio. [...]

Essa moça não sabia que ela era o que era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro. Daí não se sentir infeliz. A única coisa que queria era viver. Não sabia para que, não se indagava. [...]

Talvez a nordestina já tivesse chegado à conclusão de que vida incomoda bastante, alma que não cabe bem no corpo, mesmo alma rala como a sua.

Clarice Lispector. *Idem*, pp. 30-40.

Exercícios



- O personagem-narrador Rodrigo S. M. parece pedir desculpas ao leitor pela narrativa que apresentará. Apesar disso, não desiste de escrever e justifica a sua insistência.
 - A que Rodrigo S. M. atribui a necessidade de escrever?
 - Rodrigo S. M. avisa que vai tratar de uma personagem que vive “à toa”. Por que essa personagem “cairia estatelada e em cheio no chão” caso se questionasse?
- Identifique duas metáforas por meio das quais o narrador expressa a insignificância da vida de Macabéa.
- Como Macabéa vive num estado de quase inconsciência, reduzida a uma condição tão rudimentar de existência, somente expirando e inspirando, o narrador a imagina livre dos desconfortos existenciais? Justifique sua resposta.

■ Vagos incômodos, pequenos prazeres

Macabéa não compreende perfeitamente sua existência. De certo modo, intui suas carências, sente vagamente um doloroso vazio interior, sofre, mas não tem condições de definir a causa e desorientadamente busca suavizar seus incômodos. Durante certo tempo, por exemplo, passou a tomar aspirinas cotidianamente com a tênue esperança de que pudesse pôr fim a um mal-estar indefinível e indecifrável. Raras vezes desfrutava de modestos prazeres, na verdade, luxos para ela, como beber um gole de café frio antes de dormir, ouvir a Rádio Relógio, que informa a cada minuto a hora certa, comer goiabada com queijo e tomar uma Coca-Cola.

A vida precária da protagonista oferece vários **motivos de reflexão** para o narrador: O que é ser miserável e marginalizado nos centros urbanos? Por que uns têm muito e outros nada têm? É possível suavizar a dor de existir? Quem se questiona sofre isso? Todos somos de alguma maneira pobres?

Mesmo dominada pela alienação e parecendo incapaz de aprender algo com as experiências, em certos instantes Macabéa alcança inesperadamente algum autoconhecimento. Como, por exemplo, quando mentiu sentir dores nas costas para justificar sua falta no trabalho e, pela primeira vez, alegrou-se por ficar sozinha no quarto de pensão, ouvir rádio em alto volume e dançar livremente.

Satisfeita com essa original vivência, saiu para passear no final da tarde e conheceu Olímpico, um metalúrgico. Iniciaram um namoro esquisito, não trocavam carinhos, não encadeavam conversas, os encontros eram sem graça, e o rapaz menosprezava e ofendia constantemente a tola Macabéa. Esses encontros duraram poucas semanas, pois Olímpico encantou-se por Glória, colega de trabalho de Macabéa. O rompimento e a rejeição fizeram com que a miserável nordestina percebesse algo em si mesma: não tinha a beleza e o vigor da amiga. Ainda que precariamente, Macabéa gradativamente vai desenvolvendo alguma noção de suas carências.

O narrador Rodrigo S. M. muitas vezes expõe a sensibilidade de Macabéa, talvez para afirmar que, apesar da precariedade de suas percepções, experimenta, como qualquer ser humano, sentimentos.

Leia um trecho em que o narrador comenta a emoção de Macabéa ao ouvir uma música.

Essas especulações são filosóficas e, por isso, o texto de Clarice Lispector nem sempre é de fácil decifração. Muitas vezes a linguagem causa estranhamento e exige que o leitor abandone a leitura automática e dedique-se a desvendar o sentido de algumas expressões ou frases. Por exemplo, para enfatizar a alienação de Macabéa, o narrador declara: “ela como uma cadela vadia era teleguiada por si mesma”; “vivía de si mesma como se comesse as próprias entranhas”.

Rodrigo S. M. até mesmo anuncia por metáforas inesperadas algo que deseja comunicar: “Devo acrescentar um algo que importa muito para a apreensão da narrativa: é que esta é acompanhada do princípio ao fim de uma levíssima e constante dor de dentes, coisa de dentina exposta”.



Em 1985, Suzana Amaral adaptou A hora da estrela para o cinema. A atriz Marcélia Cartaxo interpretou Macabéa.